

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO



MARIA DAS GRAÇAS CAMPOLINA CUNHA GAMA

UBERLÂNDIA-MG
2006

MARIA DAS GRAÇAS CAMPOLINA CUNHA GAMA

ÁGUA, VEREDA, VEREDEIRO:

Um estudo sobre as agriculturas camponesa e comercial, nas cabeceiras do rio Formoso, em Buritizeiro-MG.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Professor Dr. Samuel do Carmo lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Maria das Graças Campolina Cunha Gama

ÁGUA, VEREDA, VEREDEIRO:
*Um estudo sobre as agriculturas camponesa e comercial, nas
cabeceiras do rio Formoso, em Buritizeiro-MG.*

Professor Dr. Samuel do Carmo Lima (Orientador)

Professor Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Professora Dra. Luciene Rodrigues

Professor Dr. João Cleps Junior

Data: ____/____/____

Resultado: _____

*Dedico esta dissertação aos meus filhos, André e Rafael.
Que vocês trilhem belos caminhos...*

AGRADECIMENTOS

A toda a minha família, pelo incentivo, pela paciência, pela acolhida e pelo carinho, OBRIGADA! Vocês são essenciais em minha vida. Agradeço a minha irmã Rosa, o “meu norte”, pela dedicação e amor. Agradeço a meus pais, Ângela e Waldemar, pois a presença do amor nunca os fará ausentes em minha vida.

Agradeço a João Luiz, que sempre me incentivou e que, nas minhas ausências, muitas vezes exerceu o duplo papel de pai e mãe para os nossos filhos.

A Andréa Maria, irmã do coração, pela presença, pela partilha e por acreditar em mim. Déia “coragem”, este trabalho também é fruto de sua dedicação. Obrigada por trilhar comigo este caminho!

A Rodrigo, meu querido irmão também do coração, pelas descobertas conjuntas. A Joyce, por sua ternura; a Antônio, por sua presteza e amizade; a Sandra, companheira de tantos caminhos, por sua terna firmeza, a Arlete, guerreira que faz parte da história do Formoso e da minha também. A querida Paola, que fez o desenho da capa e me ajudou tantas vezes nas minhas pesquisas. A Luciene, fadaguia, que tanto contribuiu, tão firme e ternamente, em meu trabalho. Agradeço a todos, amigos e amigas: vocês fazem parte da minha história!

Agradeço a Helena Francisca pelo carinho e a paciência em corrigir meu trabalho. A Rosalva, *thank you!*

Ao “Seo” Messias e a Dona Zelu, moradores de Capão Celado, que me acolheram e proporcionaram tantos bons momentos e boas conversas; e muito me ensinaram!

Agradeço a Orígenes, pela presteza e atenção ao me fornecer importantes informações sobre as transformações do campo em Buritizeiro. A Rômulo Melo, que me acompanhou em meus trabalhos de campo, e me ensinou muito sobre o município. E também Moacir, meu sobrinho, que várias vezes se juntou a mim nas idas às cabeceiras do Formoso.

Professor Ivo das Chagas, ao me mostrar que, assim como os vinhos, os cerrados têm cheiros, cores e sabores, agradeço enormemente a você!

Carlos Brandão, pelo tanto que aprendi por meio dos ensinamentos que somente um mestre, alquimista das palavras, consegue transmitir. Dedico a você carinho e respeito. Obrigada!

Meu sincero agradecimento a João Cleps, por ter participado de todo o meu trabalho e por me ajudar nas tantas horas que precisei. Orgulho-me em dizer que você é meu professor-amigo.

Agradeço a Samuel do Carmo Lima, que me deu a oportunidade de tantas vezes mudar de “rota”, e como um bom pescador se mostrou de uma paciência infinita e sabiamente me guiou e me ensinou que as nossas pesquisas são frutos da vida, me dando a liberdade de realizar com paixão esta dissertação. Obrigada Samuel, sua orientação foi realizada com apoio e amizade!

É difícil relatar, muitos fizeram e fazem parte da minha trajetória! E me persegue a idéia de que posso esquecer alguém... Portanto, agradeço a todos que me ajudaram e cujos nomes não se encontram nesta página, por puro esquecimento!

Meu senhor, com sua licença
Vai começar a função
Uma peleja serena
Em defesa do sertão
A peleja do poeta
Contra o reino da ambição

O sertão norte-mineiro
Pertence ao Grande Nordeste
Aqui dá muito calango
E um formigal da peste
Mas pior são as carvoarias
Não há uma que preste

E o pobre lavrador
Que antes catava o pequi,
Ananás, baru, mangaba e murici
Tá passando muita fome
Neste sertão cariri

Pois até nas cabeceiras
Dos rios da região
O machado corta impune
Sem qualquer reclamação
Daí então vem a morte
Com sua foice na mão

Pois como pode, senhores
Uma espécie exemplar
Esse tal eucalipto
Que eles dizem plantar
Substituir o conjunto
De uma flora milenar

Zanoni Neves¹

¹ NEVES Zanoni, O Sertão vai virar deserto. In **Cerrado em Perspectiva(s)**: Montes Claros: Unimontes, 2003.

RESUMO

O tema desta pesquisa teve como objetivo o estudo das transformações socioambientais e culturais ocorridas nas cabeceiras do rio Formoso, afluente do rio São Francisco, no município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. Até a década de 1960, o município apresentava uma população predominantemente rural e as cabeceiras do rio serviam como espaço de reprodução do modo de vida e trabalho camponês. Com a introdução de atividades capitalistas no campo, a partir da década de 1970 - carvoejamento, reflorestamento e agricultura comercial ligada às agroindústrias - as famílias camponesas foram expropriadas de suas terras e migraram para a cidade, acelerando a urbanização do município. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica, pesquisas documentais, pesquisas de campo, entrevistas abertas e história oral realizadas com famílias camponesas e trabalhadores rurais. A análise dos impactos socioambientais foi realizada por meio da leitura e interpretação das imagens fotográficas. O processo de desenvolvimento econômico no campo nas cabeceiras do rio Formoso consolidou as desigualdades sociais, envolvendo as famílias camponesas e o ambiente, através das novas formas de produção.

PALAVRAS-CHAVES: Buritizeiro, rio Formoso, vereda, camponês, agricultura camponesa, agricultura comercial.

ABSTRACT

The theme of the research aimed to study the transformations Socio-environmental and cultural occurred in the head of the Formoso River, affluent of The São Francisco River, in the municipality of Buritizeiro, Northwestern of Minas Gerais. Until the 60s, this municipality presented a population predominantly rural and the head of the river served as a place of reproduction of the way of life and work of the peasant. With the introduction of the capitalist activities in the country, from the 70s on, charcoal production, reforestation, and commercial agriculture related to the agricultural industry – the peasant families were expropriated from their land and migrated to the city, accelerating the urbanization in the municipality. The methodology was based on bibliographical review, document research, field research, open interviews and oral stories by peasant families and rural workers. The analysis of the socio-environmental impacts was made by means of the interpretation of photography images. The process of economical development in the country in the head of the Formoso River has consolidated the social inequalities, involving the peasant families and the environment, through new productions forms.

KEY WORDS: Buritizeiro, Formoso river, vereda, peasant, peasant agriculture, commercial agriculture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	17
Mapa de localização do município de Buritizeiro.	
FIGURA 2	29
Fatores de produção de um sistema agrícola moderno.	
ESQUEMA 1	40
Expansão capitalista da agricultura no Brasil.	
FIGURA 3	49
Mapa hidrográfico do município de Buritizeiro	
FIGURA 4	50
Mapa rodoviário região Norte de Minas	
FIGURA 5	52
Transporte de safra de soja para o município de Uberlândia	
FIGURA 6	55
Rio Formoso, médio curso	
FIGURA 7	57
Terra preparada para cultivo e bateria de fornos de carvão	
FIGURA 8	57
Trabalhadores rurais: hora de almoço!	
QUADRO 1	63
Lugares, Espaços e Territórios: Vida e Trabalho nas cabeceiras do Formoso.	
FIGURA 9	66
As três gerações da família Veloso: avô, nora e neta	
FIGURA 10	70
Lugares de vida e trabalho dos habitantes da comunidade Capão Celado	
QUADRO 2	73
Cenários de Vivas, Vivências e Modos de Vida nas cabeceiras do rio Formoso.	
FIGURA 11	80
Rio Formoso, médio curso	
FIGURA 12	81
Barragem nas cabeceiras do rio Formoso. Ao fundo a presença dos buritizais	
FIGURA 13	81
Barragem e motor de captação da água para armazenagem	
FIGURA 14	82
Tubulação que envia a água para a bacia de captação/distribuição	
FIGURA 15	82
Bacia de captação/distribuição para abastecimento dos pivôs centrais	
FIGURA 16	83
Pivô central: o destino final da água nessa época do ano é a plantação de soja	
FIGURA 17	84
Buritizal “afogado” pela barragem.	
FIGURA 18	85
Canal construído para desvio da água da vereda.	
FIGURA 19	85
Desembocadura do canal, a água é bombeada para irrigação por gotejamento.	
FIGURA 20	86
Cabeceiras do rio Formoso. Canal de distribuição da água.	
FIGURA 21	86
Cabeceiras do rio Formoso. Canal de distribuição da água.	

FIGURA 22	89
Vereda: o fogo passou, o pasto brotou e a água findou!	
FIGURA 23	90
Vereda: o machado passou, a erosão depositou, que água ficou?	
FIGURA 24	90
De uma vereda a água sempre corre calma e tranqüila pelo cerrado adentro.	
FIGURA 25	91
Preparo da terra para plantação de soja, agricultura comercial.	
FIGURA 26	92
Galpão para depósito de produtos e embalagens utilizadas nas lavouras.	
FIGURA 27	92
Preparo da terra para plantação de soja, agricultura comercial	
FIGURA 28	93
Bateria de fornos de carvão às margens de uma vereda.	
FIGURA 29	95
Limpando a terra: o trabalho da máquina.	
FIGURA 30	95
Limpando a terra: o trabalho humano.	
FIGURA 31	96
Tarefa do dia: afastamento das fileiras de tomates.	
FIGURA 32	96
Colheita de algodão: hora da máquina!	
FIGURA 33	98
Plantação de milho em solo turfoso - agricultura camponesa.	
FIGURA 34	98
Canal de irrigação para policultura.	
FIGURA 35	99
Horta: canteiros vazios e canteiros plantados.	
FIGURA 36	99
Policultura: plantação de família camponesa.	
FIGURA 37	100
Moradia de Dona Francisquinha Veloso, Capão Celado.	
FIGURA 38	101
Pássaros “curucacos”, se alimentando dos restos das sementes de soja.	
FIGURA 39	101
Raposa: o que procura, para onde vai?	

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	46
DISTRIBUIÇÃO DA POP. NO MUNICÍPIO DE BURITIZEIRO - 1970/2000.	
TABELA 2.....	48
AGROINDÚSTRIAS PRESENTES NAS CABECEIRAS DO RIO FORMOSO/2005.	
TABELA 3.....	53
ORIGEM DOS INSUMOS UTILIZADOS NAS LAVOURAS DAS FAZENDAS VISITADAS	
TABELA 4.....	53
MOBILIDADE DEMOGRÁFICA NO MUNICÍPIO DE BURITIZEIRO-1960/2000	

LISTA DE SIGLAS

ANA- Agência Nacional de Águas

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento

CEPAL- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

DOPS- Departamento de Ordem Política e Social

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais

IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEF- Instituto Estadual de Florestas

POLOCENTRO- Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

PRODECER- Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o desenvolvimento dos Cerrados

RMNe- Região Mineira do Nordeste

SNCR- Sistema Nacional de Crédito Rural

SUDENE- Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	X
LISTA DE TABELAS.....	XII
LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS.....	XIII
1-INTRODUÇÃO.....	15
2-CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	23
2.1-Atividades e Procedimentos Metodológicos.....	24
2.2-Concepções e Pressupostos Teóricos.....	27
3-ESTADO E CAPITAL: A OCUPAÇÃO DA TERRA E A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA.....	33
3.1-A Ocupação da Terra.....	35
3.1.1- A modernização agrícola brasileira e a ocupação dos cerrados.....	37
3.2-Buritizeiro: terra dos antigos Caiapós, dos bitacas, dos carros-de-boi, dos tropeiros e dos muitos nomes.....	44
3.3-A Apropriação da Natureza.....	47
4-A MEMÓRIA E O RIO: CENAS, CENÁRIOS E ATORES NO ENTORNO DO RIO FORMOSO.....	55
4.1-A Memória, a Partilha e o Morro.....	58
4.1.1-A Memória e A Partilha da Vida.....	60
4.1.2-A Memória e O Recado do Morro.....	65
5-AS IMAGENS DO RIO: ÁGUA, VEREDA, VEREDEIRO.....	77
5.1-As Imagens do Rio: as águas.....	80
5.1.1- Veredas queimadas, veredas cercadas.....	88
5.2-As margens do rio: o trabalho e a terra.....	91
5.2.1-O trabalho da máquina e o trabalho assalariado.....	94
5.3-As margens do rio: o trabalho camponês.....	97
5.4-Questão de Sobrevivência.....	100
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
7-BIBLIOGRAFIA.....	111

1- INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, época em que chegaram as primeiras famílias migrantes, até finais da década de 1960, o município de Buritizeiro, Noroeste de Minas Gerais¹, apresentava características socioespaciais predominantemente rurais, a maior parte da população vivia e dependia economicamente das atividades agrícolas. Os modos de vida e trabalho foram tecidos com fortes traços culturais que determinam o tipo de ocupação camponesa.

Na década de 1970, empresas de carvoejamento e reflorestamento começaram a se instalar em Buritizeiro e introduziram novas formas de apropriação do espaço, modificando a relação campo-cidade e, conseqüentemente, as relações de trabalho e de vida dos sertanejos. As políticas públicas que incentivaram as transformações no município foram impulsionadas pela SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, que possibilitou a instalação e implementação de complexos agrícolas e industriais no sertão norte-mineiro, considerado para fins de planejamento e execução estatal como RMNe - Região Mineira do Nordeste².

O espaço utilizado para a ocupação das atividades ligadas ao carvoejamento e ao reflorestamento foi totalmente alterado:

De modo geral, a população camponesa local concentrava suas terras - pequenas propriedades- no alto dos chapadões. Essas terras sempre foram denominadas por essa população como “terras de ninguém”, “terras sem dono”. (...) apesar dessa utilização dos chapadões pela população camponesa, essas áreas eram locais onde se encontrava a cobertura vegetal natural e sua avifauna estava em excelente estado de conservação. Fato que demonstrava o convívio harmônico entre o homem e o meio ambiente natural. Os pequenos agricultores ocupavam as margens dos córregos e das veredas e o “grande gerais” era o vazio, da extensividade pecuarista. (BAGGIO, 2003, p. 77-78).

¹ Ver Figura 1.

² O Município de Buritizeiro localiza-se geograficamente no noroeste de Minas Gerais, porem, para fins de planejamento estatal, está inserido na RMNe.

A partir da segunda metade da década de 1990, os baixos preços das terras e a riqueza hídrica do município propiciaram uma nova expansão da fronteira agrícola³ nos cerrados, por meio da implantação da agricultura comercial irrigada, principalmente lavouras de café e soja, nas cabeceiras do Rio Formoso. Buritizeiro insere-se como um braço complementar do agronegócio por não desenvolver todas as etapas necessárias à cadeia produtiva desta atividade⁴. Seu espaço serve apenas para a produção de grãos, que absorve pouca mão-de-obra - a maioria formada por trabalhadores volantes - por ser altamente tecnificada.

Em síntese, o entorno do Rio Formoso foi rota de passagem de bandeirantes, de tropeiros e dos personagens das *estórias* do escritor João Guimarães Rosa. Atualmente, abriga, simultaneamente, tradicionais atividades campesinas e atividades de grupos empresariais, esta última responsável pela definição da paisagem retrabalhada e homogeneizada pelas florestas de *eucalipto* e *pinus* e pela agricultura comercial de café e soja.

³ A nova fronteira agrícola permanece dentro do sistema de cerrados, estendendo-se, na década de 1990, para o Nordeste de Minas Gerais, como foi na década de 1970, no Triângulo e Noroeste Mineiro. Esta questão é analisada com maior detalhamento no terceiro capítulo.

⁴ Dentre elas beneficiamento e comercialização.

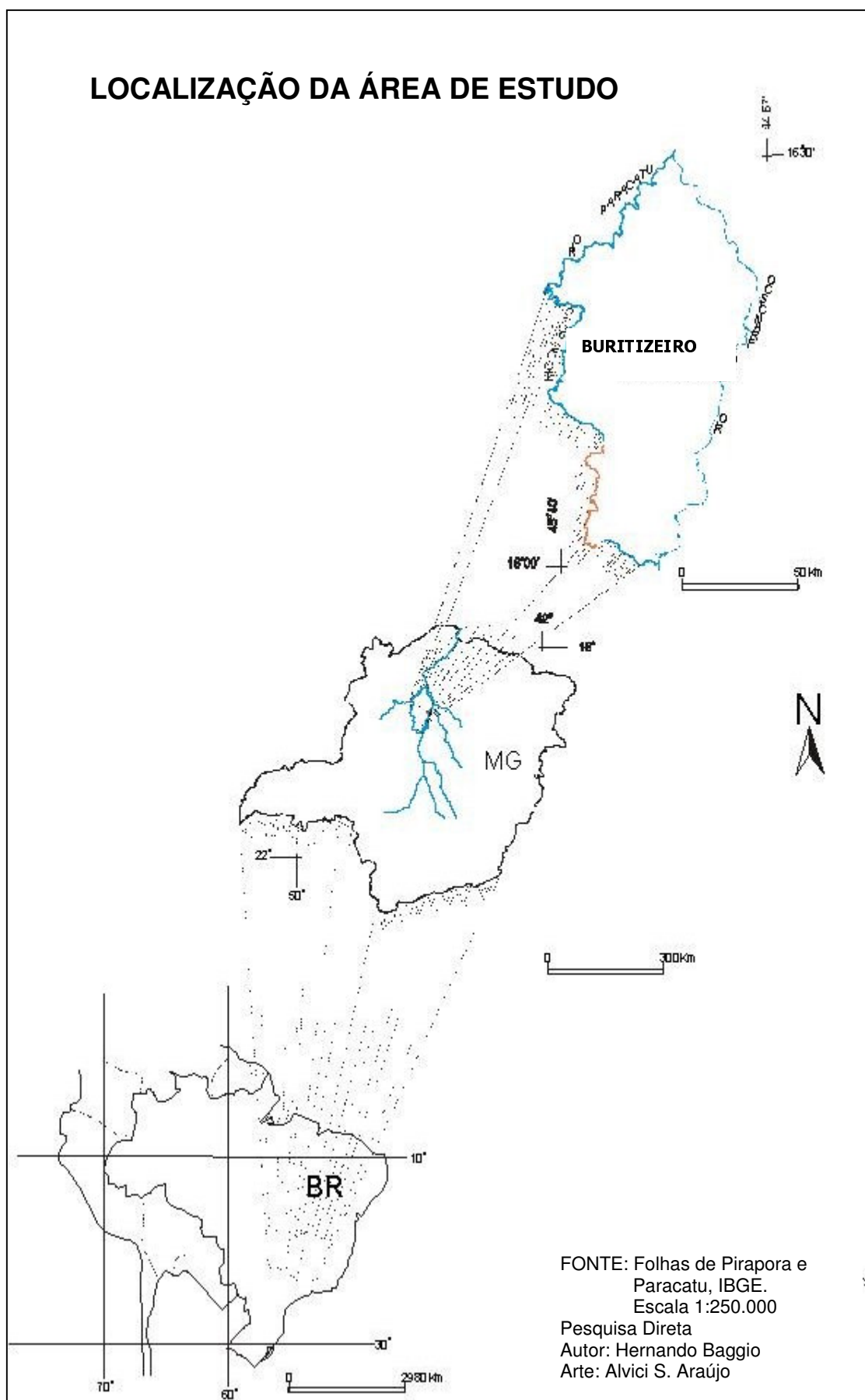


FIGURA 1: Mapa de localização do município de Buritizeiro.
 FONTE: BAGGIO, 2002, p. 15.

Este trabalho tem como objetivo discutir as transformações sociais e ambientais suscitadas pelos sistemas⁵ de produção existentes nas cabeceiras do rio Formoso: agricultura camponesa e agricultura comercial⁶ - esta última intensamente mecanizada - analisando as transformações ocorridas pelo processo de ocupação e apropriação do espaço, enfocando as modificações originadas pela introdução do capitalismo no campo, a partir da década de 1970. Correlacionam também como objetivos:

- a) Analisar os sistemas agrícolas de produção nas cabeceiras do rio Formoso e as transformações sociais originadas pelo reentalhamento da paisagem social pelas atividades produtivas;
- b) Identificar o perfil sociocultural das comunidades tradicionais para entender o modo de vida e a utilização dos recursos naturais e;
- c) Identificar os impactos ambientais gerados pelos sistemas de produção comercial e camponesa.

Esta reflexão pretende promover e estimular as discussões sobre a utilização dos recursos naturais deste ecossistema, a sustentabilidade da biodiversidade do bioma cerrado e da vida dos sertanejos que habitam o entorno do rio Formos. Neste trabalho, foram utilizados dois termos cunhados por João Guimarães Rosa⁷, *geralista* e *veredeiro*, para designar o camponês sertanejo habitante *dos gerais*.

⁵ O termo "sistema" adotado neste trabalho foi dado por Manuel Correia de Andrade (1998). A reflexão sobre este conceito é realizada em "Concepções e Pressupostos Teóricos", capítulo 2, p. 30, deste trabalho.

⁶ Apesar de estar direcionado à produção agroindustrial, este trabalho utiliza o termo "agricultura comercial" para designar a atividade desenvolvida em Buritizeiro, devido à ausência, na área de estudo, das outras etapas de produção que caracterizam a cadeia de produção da agroindústria.

⁷ Geralista e veredeiro são termos retirados da obra de Guimarães Rosa, que os explica em suas cartas para Bizzarri, publicadas no livro *Correspondências com o Tradutor Italiano*: "Em geral, os moradores dos "gerais" ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os veredeiros. Outros, moram mesmo no alto das *chapadas*, perto das veredinhas ou veredas altas, (...). Mas o nome *geralista* abrange, igualmente, a todos: os *veredeiros* e os *geralistas* propriamente ditos", (1981, p. 23.).

Os caminhos percorridos para a elaboração e sistematização desta dissertação seguiram a seguinte estrutura escalar⁸:

- **Pequena escala:** Uma breve abordagem histórica sobre a origem das contradições vigentes no país, a formação do Estado Brasileiro a partir da colonização, a herança de um passado de privilégio de elites e de uma invasão desastrosa, a utilização intensiva dos recursos naturais, o papel da agricultura para o desenvolvimento da economia do país, os desequilíbrios ambientais e sociais gerados pela prática capitalista no campo, a construção da nação brasileira e das suas múltiplas identidades culturais.
- **Média escala:** a discussão das políticas públicas implantadas para o desenvolvimento econômico de Minas Gerais, a instalação das agroindústrias no Triângulo e Noroeste, a expansão da fronteira agrícola nos cerrados mineiros, o papel da SUDENE na RMNe e as conseqüências da expansão tardia da agricultura comercial na região Norte Mineira, sobretudo da agroindústria.
- **Grande escala:** Apresenta o município de Buritizeiro e o entorno do Rio Formoso, tema do presente trabalho. As transformações sociais e ambientais originadas pela produção capitalista para o ecossistema cerrado e para os seres que nele habita, enfocando o modo de vida e trabalho da população camponesa e também as formas de utilização dos recursos naturais. Permeiam esta discussão as narrativas dos camponeses da comunidade tradicional Capão Celado, que testemunharam as transformações ocorridas. As formas de construir e significar o lugar, de descrever e sentir os espaços são analisadas através dos múltiplos saberes e olhares daqueles que habitam e/ou trabalham no entorno do rio Formoso. O diálogo entre autores diversos e relatos orais que constituem a memória dos antigos e atuais moradores da área da pesquisa, as transformações dos modos de vida tradicionais e as diversas formas de ocupação e organização do trabalho: os cenários, as cenas, os atores e as relações que são estabelecidas no decorrer do tempo e do espaço.

⁸ A utilização do termo “escala” para explicar a divisão do trabalho remete ao significado dado por Boaventura de Souza Santos ao designar a escala como ferramenta do poder, com alcances variados, dentro de um programa pré-estabelecido, hora pelo poder público, hora pela empresa privada. A SUDENE, por exemplo, pode ser explicada como uma ação de média escala do Estado em uma delimitada área de seu território.

O texto encontra-se organizado em cinco capítulos, a contar da introdução, apresentados de acordo com a divisão escalar, organizados com o objetivo de apreender as transformações ocorridas no universo da pesquisa, tanto as relacionadas com as questões ambientais como as relacionadas às questões socioculturais. Os trabalhos de campo perpassam todos os capítulos, através dos relatos de moradores antigos e atuais, das entrevistas, da análise das transformações ambientais, principalmente nas veredas, e dos dados primários e secundários interpretados, com o objetivo de constituir o perfil da realidade vivida e vivenciada.

No Capítulo II: **A Construção Teórico-Metodológica da Pesquisa** são descritos a metodologia utilizada e os conceitos gerais que englobam a mesma. As discussões de diferentes autores, os questionários, as entrevistas, a observação participante, os dados estatísticos coletados de diferentes órgãos e os trabalhos de campo foram os instrumentos utilizados para alcançar o entendimento necessário da dinâmica social e produtiva, como também da relação das comunidades com o meio, tendo como pontos de divergência os dois sistemas de produção existentes: a agricultura camponesa e a agricultura comercial e as relações que ali se estabelecem.

O Capítulo III, **Estado e Capital: a ocupação da terra e a apropriação da natureza**, discute o papel do Estado e do capital na dinâmica produtiva, as transformações socioeconômicas e culturais das populações. Por meio de uma breve revisão histórico-geográfica, é realizada uma análise sobre as raízes da concentração de terras no Brasil e a permanência dos latifúndios na atualidade, consequência de políticas públicas que privilegiaram e privilegiam a produção

capitalista. Nesta fase, a história do povoamento do município de Buritizeiro-MG, que teve toda a trajetória transformada pela sua inserção nas chamadas “fronteiras agrícolas”, grandes extensões de terras que o Estado utilizou para atender os interesses dos latifundiários, expropriando camponeses, posseiros das terras devolutas.

O Capítulo IV: **A Memória e o Rio: cenários e atores no entorno do rio Formoso**, relata as histórias do povoamento, dos ciclos de ocupação, de vida e de trabalho no entorno do rio Formoso. A história do lugar ultrapassa seus limites geográficos e se estende para outras fronteiras: região de produção capitalista. A perda da identidade e a proletarização da população camponesa são consequência desta dinâmica. Permeando esta fase do trabalho, no subtítulo *“A Memória, a Partilha e o Morro”*, duas obras: “A Partilha da Vida”, de Carlos Rodrigues Brandão e “O Recado do Morro”, de João Guimarães Rosa acompanharam a trajetória dos relatos das histórias de vidas dos habitantes de Buritizeiro e do Formoso: relatos de derrotas, de resistência e força da natureza e dos seres sertanejos, de vidas passadas resgatadas pelos personagens que povoam a sua história, que fazem parte do enredo atual e que convivem com um cenário devastado; juntos: teceram a rede da memória das gentes do lugar e o diálogo com outros autores para determinarem os conceitos das categorias que povoam esta pesquisa: espaço, lugar, camponês, sertão, cultura, dentre outras. Camponeses, operários, produtores, empresários são atores que fazem parte do enredo e da “*geo-cena*”⁹ atual e são apresentados em escalas temporais.

⁹ Ver Quadro 2, capítulo 4.

O Capítulo V, **As Imagens do Rio: água, vereda, veredeiro** discute a relação homem/meio através da imagem fotográfica, identificada nos trabalhos de campo. O trabalho na terra: o “bóia-fria” e o camponês, as transformações determinadas pelas diferentes formas de ocupação do espaço nas cabeceiras do rio Formoso e as degradações ambientais provocadas por essas ações.

Nas **Considerações Finais**, faço uma discussão sobre toda a trajetória desta pesquisa: os questionamentos que mais me instigaram, os caminhos percorridos e os resultados alcançados.

2- CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

A análise das transformações socioambientais ocorridas nas cabeceiras do rio Formoso pela introdução da tecnologia no campo remete à reflexão sobre duas diferentes categorias de conhecimento, o senso comum e a ciência, que nesta pesquisa são considerados conhecimentos que se complementam para o entendimento da relação homem/natureza.

A natureza não existe sem nós, existe conosco e por nós; quiseram que ela fosse imutável e morta, ao passo que ela se move e tem uma história. Nela reconhecemos não apenas um objeto, mas também um sujeito. (MOSCOVICI, 1975, p. 361).

Na interpretação do autor, assim como a água, a terra, as plantas e os animais, o ser humano faz parte da complexa rede de vidas da “natureza”. Se nos sentimos parte dela, a utilizamos para sobrevivermos e sabemos que somos parte dos ciclos da vida integrados à sobrevivência dos outros seres. Se nos dissociamos dela, a utilizamos como recurso e a destruimos. No sistema capitalista, a separação homem/meio põe em risco a vida na Terra e a ciência, subjugada ao capitalismo, cada vez mais, constrói tecnologias capazes de transformar a natureza em artifício para o lucro.

De acordo com Santos (2002), o objetivo da ciência deve ser sempre a busca prudente para uma vida decente¹⁰, deve representar um caminho que conduza à prosperidade da vida e não ao lucro. A hierarquia existente entre as categorias de conhecimento deve ser derrubada por este novo paradigma, que objetiva a relação e o entrelaçamento entre os conhecimentos e não a separação escalar deles, uma vez

¹⁰ Termo utilizado por Santos (2002, p. 74), ao discutir o paradigma emergente: o conhecimento prudente para uma vida decente.

que os saberes acumulados pelas pessoas fazem parte de suas vidas e de sua herança cultural.

Tendo como foco a ciência geográfica, a metodologia utilizada para esta pesquisa objetiva a análise das transformações ambientais originadas pela agricultura camponesa e das transformações socioambientais geradas pela produção capitalista nas cabeceiras do rio Formoso. As narrativas dos antigos moradores são utilizadas para a interpretação das transformações geradas pela chegada do novo e da resistência da tradição camponesa frente à modernidade, ao mesmo tempo em que possibilitam a compreensão deste modo de vida e de seus saberes acumulados pelas vivências atuais e transmitidos pelas gerações passadas.

As concepções teóricas possibilitam a interação entre a subjetividade e a objetividade, ou seja, a teoria e a prática acadêmica e promovem a *práxis* científica onde os dados primários, secundários e o referencial teórico configuram-se como a base para a formulação da análise da pesquisa, enfatizando os múltiplos saberes.

2.1- Atividades e Procedimentos Metodológicos

Para pesquisar e compreender as construções e reconstruções da dinâmica socioambiental no cerrado, nas veredas e nos veredeiros das cabeceiras do rio Formoso, município de Buritizeiro, foi necessário realizar, na primeira parte do trabalho, uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento e a organização da agricultura no Brasil, o papel do Estado e suas estratégias de desenvolvimento capitalista do campo. Foram abordados os enredos históricos que determinaram os cerrados como “fronteiras agrícolas”, a partir da década de 1970, as formas de ocupação do cerrado mineiro, a utilização dos espaços, a degradação ambiental e o

papel que coube ao Norte de Minas Gerais, especificamente, ao município de Buritizeiro, nesta dinâmica desenvolvimentista.

Entrevistas realizadas com antigos e novos moradores e trabalhadores, tanto da agricultura camponesa como da comercial, distinguem as práticas agrícolas e de manejo adotadas pelos dois sistemas e os impactos causados por eles.

Para identificar o uso do solo, foram utilizados mapas e pesquisa de campo para verificação *in loco* das lavouras, do manejo do solo, da utilização da água e de práticas que produzem a degradação, a poluição, a preservação e/ou recuperação dos recursos naturais.

Para analisar os sistemas de produção, foram utilizados dados primários e secundários da Secretaria de Agricultura e Agronegócios do município de Buritizeiro-MG, bem como, dos órgãos responsáveis pela agricultura e pecuária do Estado.

As observações e interpretações das informações e dados de campo constituíram as bases para a compreensão da realidade observada. Os dados estatísticos utilizados foram baseados em informações do IBGE - Instituto de Geografia e Estatística, da Fundação João Pinheiro, da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, da ANA - Agência Nacional de Águas, da EMATER - Empresa de Assistência e Extensão Rural, do Geominas - Programa Integrado de Uso da Tecnologia de Geoprocessamento e do IEF - Instituto Estadual de Florestas.

Para identificar o perfil sociocultural, a metodologia empregada nos trabalhos de campo privilegiou a história oral, embasada em entrevistas abertas junto aos moradores das comunidades rurais e aos trabalhadores, além da observação

participante, conforme procedimentos indicados em Brandão (1999). A coleta de dados estatísticos de órgãos federais, estaduais e municipais, tais como dados censitários, estrutura fundiária, taxa de alfabetização, renda *per capita* e quadro comparativo de produção e participação econômica dos diferentes tipos de produção também serviram de base para o estudo.

Através da tabulação e interpretação dos dados apurados em jornais locais, em instituições públicas e privadas, das entrevistas realizadas com trabalhadores e moradores das comunidades rurais e das pesquisas de campo e análises cartográficas, foram contextualizados os cenários do local da pesquisa. Nesta análise, o trabalho dividiu-se em duas partes: i) como foco central, os diferentes tipos de produção coexistentes nas cabeceiras do rio Formoso: a agricultura camponesa e a agricultura comercial, as políticas públicas que incentivaram a introdução capitalista no campo e os impactos ambientais, principalmente nos cursos d'água, originados por estas duas práticas ; e ii) a reflexão sobre as várias categorias dos sujeitos sociais que estão presentes no “universo Formoso” e os significados do rio em suas vidas: o *lugar*, como signo; o *espaço*, como meio e o *território*, como objeto de domínio.

As leituras das imagens fotográficas foram utilizadas para a análise e a interpretação das transformações do ambiente. Esta metodologia enfoca a intertextualidade, através da abordagem das duas linguagens, a visual e a escrita. A leitura da imagem permite a compreensão das inter-relações existentes que movimentam as ações transformadoras do meio na área pesquisada.

2.2- Concepções e Pressupostos Teóricos

Para desenvolver a discussão sobre o pequeno produtor rural, foi realizada a análise de dois conceitos: *camponês* e *agricultor familiar*. O primeiro termo permeia a presente discussão, uma vez que o conceito de camponês é que mais se adequa à realidade de Capão Celado. O modo de vida e trabalho do camponês é uma organização de trabalho não-capitalista¹¹. O mesmo não pode ser dito do conceito de agricultura familiar, que pode desenvolver seu trabalho para a economia de mercado, a organização permanece familiar, porém sem o traço essencial da produção camponesa. Esta reflexão parte da leitura em Fernandes, onde os teóricos da agricultura familiar defendem que:

O produtor familiar que utiliza os recursos técnicos e está altamente integrado ao mercado não é camponês, mas sim um agricultor familiar. Desse modo, pode-se afirmar que a agricultura camponesa é familiar, mas nem toda agricultura familiar é camponesa, ou que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês. (FERNANDES, 2001, p. 29).

Discordando dos teóricos que defendem o conceito de *agricultura familiar*, que procuram construir um método de análise em que o desaparecimento da categoria camponesa está no processo de metamorfose em agricultura familiar, Fernandes¹² acredita que o termo *camponês* permanece atual e representa a resistência ao capital e a luta pela terra.

Entendemos o campesinato como uma classe social e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida simplesmente. Enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder

¹¹ De acordo com Marx (1984), no sistema capitalista, a sociedade é dividida entre duas classes antagônicas e complementares: proletários e capitalistas. No campesinato, não há esta divisão de classes, uma vez que produção e trabalho são regidos e realizados por todos os componentes.

¹² Esta discussão é realizada pelo NERA, Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária, da Unesp, campus de Presidente Prudente, que tem como docente e coordenador do núcleo o referido autor.

¹² Aqui também pode estar incluída a agricultura familiar, porém não a camponesa.

político e econômico, o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais que ocorrem neste espaço e suas contradições. (MARQUES, 2002, p.8).

As contradições são impostas pelo modo de produção capitalista no campo, que desequilibram os modos de produção pré-existentes e o meio ambiente devido ao excessivo uso dos recursos naturais.

A agricultura comercial, neste trabalho, é entendida como uma atividade capitalista que tem como objetivo a produção em grande escala para o mercado, direcionando sua produção para a obtenção do lucro e possibilitando a expansão das suas atividades pela acumulação do capital.

O capitalismo é orientado para o crescimento. Uma taxa equilibrada de crescimento é essencial para a saúde de um sistema econômico capitalista, visto que só através do crescimento os lucros podem ser garantidos e a acumulação do capital, sustentada. Isso implica que o capitalismo tem de preparar o terreno para uma expansão do produto e um crescimento de valores reais (e, eventualmente, atingi-los), pouco importam as consequências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas. Na medida em que a virtude vem da necessidade, um dos pilares básicos da ideologia capitalista é que o crescimento é tanto inevitável como bom. (HARVEY, 2002, p. 166)

A sociedade capitalista procura utilizar e controlar a natureza para alcançar seus objetivos: a produção da *mercadoria*, anulando a capacidade orgânica do meio de transformação e reprodução da vida e criando um novo conceito de natureza: *recurso*. Os recursos naturais são utilizados de forma altamente predatória, gerando redes que hierarquizam o artificial no topo da cadeia reprodutiva.

O capitalismo é um sistema caracterizado (I) pela separação entre trabalho e propriedade dos meios de produção, (II) pela propriedade privada dos meios de produção, (III) pela liberdade jurídica do trabalhador, que vende no mercado sua força de trabalho, (RODRIGUES, 1999, p. 67).

Segundo esta definição, a agricultura camponesa não se adequa ao modo de produção capitalista, visto que seu modo de produção não é dividido em classes e nem direcionado para o mercado - mesmo que parte da sua produção seja

comercializada - mas sobrevive junto a esse sistema, adaptando-se a ele: o trabalhador da unidade camponesa é o proprietário de sua força de trabalho e dos meios de produção que vende o excedente para o mercado para comprar outros objetos que lhe são necessários. Em síntese, o produto se transforma em moeda para a aquisição de outro produto necessário à sua sobrevivência, não há a acumulação.

O sistema de produção agrícola pode compreender desde uma lavoura apenas, até todos os componentes do setor primário. A terra, o trabalho e o capital são componentes fundamentais. O que diferencia o sistema tradicional do moderno são as formas como se dão as relações entre estas variáveis. No sistema tradicional, a equação seria: $\text{Produção} = \text{terra} + \text{capital} + \text{trabalho}$. No sistema moderno¹³, há a introdução de uma outra variável: a tecnologia, que interage com as outras, como mostra a Figura 2:

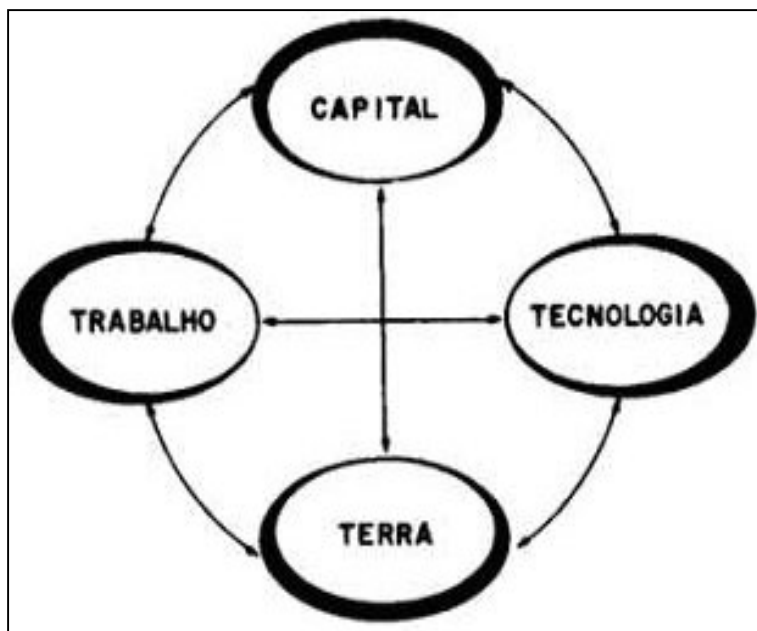


FIGURA 2. Fatores de produção de um sistema agrícola moderno.
FONTE: W.J. GOEDERT & E. LOBATO, 1988.

Esse sistema utiliza-se da tecnologia - insumos artificiais - para alcançar maior produção, aliado ao trabalho assalariado e à propriedade da terra - insumos naturais.

Andrade considera que o termo *sistema* engloba o conceito teórico de *modo de produção* e torna-se mais completo ao levar em consideração, sobretudo, as *formações econômico-sociais*.

(...) Ao analisarmos os sistemas agrícolas, devemos levar em consideração não apenas os *modos de produção*, mas, sobretudo, as formações econômico-sociais para melhor compreendê-los. A formação econômico-social dá uma visão mais segura porque engloba tanto o modo de produção dominante como os dominados e até os resquícios ainda existentes dos modos de produção dominantes no passado. Ela fornece melhor base para se ter uma melhor compreensão total da realidade, o que não é fornecido pelo modo de produção, por resultar de posições mais teóricas. (ANDRADE, 1998, p. 242-3).

Importante afirmar que os dois sistemas de produção geram transformações no ambiente, de acordo com a utilização do solo, da água, da flora e da fauna, podendo comprometer o equilíbrio do meio. A produção camponesa utiliza a zona hidrosaturada das veredas para o plantio, causando o desequilíbrio das mesmas. Porém, o uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes, a mecanização, os métodos de irrigação, a monocultura ligada à agricultura comercial têm maior poder de poluir as águas e o solo e de provocar a exaustão do meio. As cabeceiras do rio Formoso apresentam áreas em adiantado processo de degradação ambiental devido à excessiva utilização dos seus recursos, principalmente das águas das veredas.

As veredas são as principais nascentes dos rios e riachos dos cerrados, que deságuam em outros cursos d'água e correm por diferentes domínios, contribuindo para a maioria das bacias hidrográficas do país. Lima (1996), considera que as veredas podem ser consideradas como um subsistema úmido dentro do cerrado,

que se caracteriza pela presença de uma vegetação higrófila de gramíneas e ciperáceas, com buritis, se originando:

(...) a partir da instalação de drenagem em locais preferenciais de acumulação de umidade, em zonas de fraqueza ou fratura das rochas ou de falhamento. No processo de pedogênese há o abatimento da topografia formando vales de fundos chatos e vertentes sub-retilíneas, propiciando o surgimento desse subsistema. (LIMA, 1996, p. 96).

O desequilíbrio e a morte das veredas, a diminuição da vazão e o adiantado processo de assoreamento do rio Formoso, a perda de grande quantidade de solo com a instalação de voçorocas em seu médio curso, a diminuição da biomassa e a redução de espécies da fauna são exemplos da ameaça da sustentabilidade da vida e da separação homo-natureza, para a realização da produção de mercado.

Natureza e sociedade não se excluem mutuamente. A primeira nos abrange como resultado de nossa intervenção. A segunda existe em toda a parte: não surgiu com o homem, e nada leva a supor que irá morrer conosco. O homem situa-se na confluência da estrutura e do movimento de ambas: biológico, por ser social, social por ser biológico, não é o produto específico nem de uma nem de outra. (MOSCOVICI, 1975, p. 27).

Na Geografia, natureza e meio ambiente são conceitos praticados e modificados pela ação humana em sua interação dia-a-dia, “(...) a natureza é ordem e desordem, sublime e secular, dominada e vitoriosa, ela é uma totalidade e uma série de partes, mulher e objeto, organismo e máquina (...)”, Smith (1988, apud LOBATO, 2001, p. 112). Nesta interação, o meio ambiente torna-se:

O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído”, Reigota (1994, apud LOBATO, 2001. p. 114).

A paisagem, o espaço, o lugar, o território e a cultura são conceitos chaves que serão discutidos no percurso do texto, norteando as reflexões e assinalando as trilhas e os caminhos por entre e com os cenários e os atores deste trabalho. As discussões permeiam a diversidade dos sistemas agrícolas, a diversidade das

populações que ocupam as cabeceiras do rio Formoso, a diversidade das formas de utilização dos solos e das formas agressivas de degradação ambiental. A relação entre o homem e o meio é definida pela cultura, que é o diferencial entre os seres humanos e os outros seres vivos.

A cultura que interessa aos geógrafos é, pois, primeiramente constituída pelo conjunto dos artefatos, do *know-how* e dos conhecimentos, através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio natural (...). As culturas são realidades mutáveis. (CLAVALL, 2002, p. 12),

O embasamento teórico através dos conceitos polissêmicos dos diversos autores, as interpretações das atividades de campo, a dimensão simbólica e a memória coletiva dos moradores das cabeceiras do rio Formoso foram os instrumentos utilizados para a construção da realidade vivida e vivenciada no cotidiano plural dos diversos atores presentes no cenário desta pesquisa.

3- ESTADO E CAPITAL: A OCUPAÇÃO DA TERRA E A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA

O significado literal da palavra “proletariado” na Roma antiga era o daqueles com muitos filhos (muita prole), a classe mais pobre da sociedade e cujos membros estavam isentos de impostos e cuja utilidade para a República era principalmente a procriação das crianças. A associação da pobreza com a rápida proliferação está implícita neste significado literal e era explicitamente desenvolvida no pensamento malthusiano. (HERMAN DALY, 1996).

Quando o economista inglês Thomas Malthus, do século XVIII, escreveu suas teorias sobre as consequências do crescimento demográfico, intitulado: “Um Ensaio sobre o Princípio da População; ou uma Visão de seus Efeitos Passados e Presentes sobre a Felicidade Humana; com uma Investigação sobre nossas Perspectivas em Relação a Futura Eliminação de Mitigações dos Males pelas Oportunidades¹⁴”, aceleraram-se as pesquisas tecnológicas direcionadas para a produção agrícola com o intuito de conter tão preocupante previsão. O documento afirmava que a capacidade de crescimento da população é indefinidamente maior que a capacidade da terra de produzir meios de subsistência para o homem. A fome, a desnutrição, as epidemias, as doenças, as pragas e as guerras seriam consequências caso o crescimento da população não fosse contido.

Henriques (2005) relata que Malthus era contra a intervenção do Estado, principalmente, sob a forma de auxílio material prestado ao homem “inapto” a ganhar o suficiente para a manutenção de sua família; julgava tal intervenção inútil e mesmo perniciosa para a sociedade. Para amenizar os supostos problemas da superpopulação, Malthus recomendava o controle de natalidade por meio da abstinência sexual.

De acordo com Linhares e Silva (1999), os neo-malthusianos de nossos dias são defensores dos métodos radicais de redução da natalidade, sobretudo entre as

populações mais pobres. O medo da explosão demográfica levou muitos países a adotarem políticas de controle da natalidade, principalmente, os países pobres da África e da Ásia. Estas ações foram fomentadas pelos países ricos, que incentivaram e forneceram as tecnologias necessárias para a esterilização de milhares de mulheres em idade fértil. Atualmente, em vários países dos continentes citados, o Estado permanece adotando severas leis de controle e combate à natalidade.

Na década de 1960, como negação das teorias malthusianas e solução para o problema da fome, iniciou-se o processo denominado Revolução Verde. Tendo como suporte grandes investimentos em pesquisa, configurou-se como a transformação da produção no campo por meio da injeção de tecnologia básica, a utilização de adubação química intensiva e a utilização crescente de "defensivos"¹⁵. Tudo isso assegurou as condições para que as novas formas de produção na agricultura alcançassem altos níveis de produtividade, dando surgimento às sementes de variedades de alto rendimento.

Porém, as tecnologias utilizadas para o aumento da produção no campo e a melhora genética das sementes não asseguraram o fim da fome no mundo, ao contrário, acentuou-a. Os países pobres adotaram os pacotes tecnológicos de produção agrícola, frutos da revolução verde. Todos os conhecimentos adquiridos foram utilizados para a expansão capitalista no campo, gerando grandes áreas de monoculturas para exportação e a deterioração das áreas de policultura de subsistência, tendo como consequência:

(...) a industrialização da agricultura não atingiu diretamente a maior parte dos agricultores, como nos países centrais. Por isso, ao referir-se à industrialização da agricultura, para os países como o Brasil, deve ser

¹⁴ Conferir em Malthus (1996). Coleção Os Economistas.

¹⁵ "Defensivos" agrícolas defendem as plantações das pragas bióticas, são compostos por elementos químicos que são absorvidos pelas plantas e podem "ofender" os organismos daqueles que alimentam.

lembrado que as estruturas prevalecentes na agricultura são heterogêneas, que as formas tradicionais permanecem junto às novas formas, (...) muitos camponeses contraem dívidas e caem na dependência dos bancos, vivem precariamente, vêm-se privados da terra e dos bens e acabam por engrossar as filas do proletariado. (RODRIGUES, 1999, p. 85).

Desta forma, o termo “proletariado” toma o significado dado por Marx, que, segundo Daly (1999) cortou qualquer ligação etimológica remanescente com proliferação (prole), citado por Malthus. Marx redefine a palavra para se referir aos não-proprietários dos meios de produção que têm que vender o seu trabalho aos capitalistas para sobreviver. Surge daí o exército de reserva, constituído pela camada dos desempregados que garante a permanência da exploração capitalista e da *mais valia* ao se disporem a trabalhar nos piores cargos e salários para fugirem da impossibilidade de sustentabilidade da vida.

De acordo com dados oficiais da ONU estariam disponíveis 2.800 calorias por pessoa ao dia, se houvesse uma correta distribuição dos alimentos (conforme a FAO, são necessárias 1.900 calorias diárias por pessoa). Mas, apesar disso, ao mesmo tempo cerca de 800 milhões de pessoas passam fome no mundo. (ANDRIOLI, 2003 p.1).

A modernização da agricultura alcançou duas conseqüências antagônicas, que podem ser descritas como: i) conseqüência econômica: aumento vertiginoso da produção e do lucro; e ii) conseqüência social: êxodo rural e crescimento da miséria urbana.

3.1- A Ocupação da Terra

Há quinhentos anos, um povo “urbanizado” se apossou dessas terras: contingente e consumo da riqueza natural não pararam de crescer: “evidências do sucesso”. (DEAN, 2004, p.11).

Prado Jr. (1981) relata que os títulos de propriedade e o domínio da terra avançavam muito adiante da frente pioneira de penetração e ocupação do território brasileiro. Também Furtado (2005) analisa que a concentração da propriedade da terra está profundamente enraizada na formação histórica do Brasil. A questão da

concentração fundiária e da estrutura agrária brasileira remonta ao período colonial e permanece configurando a dinâmica rural na atualidade. Além disso, a ocupação do território, estabelecida pelos portugueses, foi organizada para atender ao processo de produção e acumulação de capital, caracterizada pela destruição da organização existente, pela larga utilização dos recursos, pela submissão do homem e pelo domínio da natureza.

Os índios tinham uma organização social estruturada na partilha e no trabalho conjunto, a natureza era um bem de uso comum. Seus deuses normalmente eram seres da natureza: o sol, a lua, os animais. Para os portugueses a terra era uma mercadoria que deveria ser utilizada como um bem de troca. Os índios tinham alma? Duvidavam, pois não eram cristãos! Essa crença servia para reforçar as explorações e exterminações a que impuseram aos “gentios”. Os negros, de culturas, religiões e crenças também diversas, foram trazidos para o Brasil como escravos e entremearam a religião católica com seus orixás, como forma de manterem vivas suas tradições.

Até finais do século XIX, a agricultura era desenvolvida com o trabalho escravo em grandes extensões de terras: as capitanias, as sesmarias e os engenhos do passado deixaram como herança os latifúndios atuais, frutos da distribuição elitista da terra. Para Marx,

o monopólio da propriedade fundiária é um pressuposto histórico e continua sendo o fundamento permanente dos modos de produção anteriores que se baseiam, de uma maneira ou de outra, na exploração das massas, (1984, p. 262).

Portanto, a opressão das culturas indígena e africana e a supressão dos modos de vida e trabalho dos povos indígenas foram frutos do modelo de

colonização adotado no Brasil. As políticas adotadas ao longo dos cinco séculos de história da construção do país evidenciam a permanência das desigualdades sociais. Nossa política econômica foi e continua sendo conduzida por interesses outros que o bem estar da sociedade.

Na atualidade, as conseqüências mais evidentes são: o êxodo rural, o inchaço urbano, a favelização de grande parte da população e a primazia de grandes propriedades¹⁶, uma vez que a produção em grande escala não favorece a permanência do homem no campo, ao contrário, expulsa-o, para a implantação das lavouras mecanizadas.

Este cenário político, econômico e social gera como conseqüência a deterioração da qualidade de vida de imensa parte da população rural e urbana brasileira e impactos socioambientais de sérias proporções que acarretam às futuras gerações a herança de um meio físico e social devastado.

3.1.1- A modernização agrícola brasileira e a ocupação dos cerrados

A modernização é um processo e uma ideologia. Como processo, a modernização traduz a inserção da agricultura na economia mundial constituída. Como ideologia, a modernização reflete o conteúdo político das formas de intervenção estatal na agricultura, (AGUIAR 1986, p. 123).

A partir do começo da segunda metade do século XX, inicia o desenvolvimento econômico do setor secundário, alavancado pelo capital acumulado pelos “barões do café” e pela abertura do mercado para as indústrias multinacionais.

A agricultura, que nas décadas anteriores era considerada subsidiária do desenvolvimento industrial, passou a desempenhar um papel de apêndice do setor

¹⁶ Mais informações ver De Paula, 2003.

industrial, subordinado a ele. Na década de 1960, teve início a política de internalização da indústria e a instalação do D₁ - Departamento produtor de bens de capitais e insumos para a agricultura - das indústrias de tratores, implementos, defensivos e fertilizantes. Esta dinâmica deu sustentação para a nova fase de desenvolvimento brasileiro, a integração indústria/agricultura, com a instalação dos CAIs¹⁷.

A reestruturação da economia agro-comercial para a agroindustrial se processou em duas etapas: a internalização das indústrias de máquinas e insumos para a agricultura e a constituição dos CAIs, levando a agricultura a uma crescente subordinação à dinâmica industrial. (GRAZIANO DA SILVA, 1998, p. 32),

Este período constituiu-se na idade de ouro de desenvolvimento de uma agricultura capitalista em integração com a economia industrial e urbana e com o setor externo, sob forte mediação financeira do setor público, Delgado (2001). O Brasil desenvolveu sua agricultura adotando os “pacotes tecnológicos”, frutos da Revolução Verde dos países industrializados. O pacote tecnológico constitui-se no vetor do processo de modernização da agricultura brasileira, sendo o responsável pela geração, difusão e financiamento para a compra de máquinas, insumos e sementes:

O Estado põe-se, de fato, na origem do impulso da modernização, através do seguinte tripé: sistema nacional de pesquisa agropecuária, sistema brasileiro de assistência técnica e extensão rural e sistema nacional de crédito rural. Esses três instrumentos orbitam em torno do “pacote tecnológico”. (AGUIAR, 1989, p. 123).

A abertura de créditos rurais, através do SNCR, Sistema Nacional de Crédito Rural, em 1962, e criação da EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em 1973, vinculada ao ministério da Agricultura, Pecuária e do

¹⁷ Complexos Agroindustriais Brasileiros.

Abastecimento, objetivou a viabilização de soluções para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro através de pesquisas.

Os estados criaram órgãos de assistência técnica, como a EMATER, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais, para dar suporte ao desenvolvimento do agronegócio local. Como resultado do modelo adotado, houve aumento significativo nos indicadores técnicos de modernização agrícola, aumento e diversificação da produção e alteração no padrão técnico do setor rural.

O Esquema 1 ilustra o papel do Estado na expansão capitalista do campo. Sua atuação foi decisiva na criação de políticas que viabilizaram a modernização agrícola nos cerrados por apresentarem as características que definem uma área como fronteira agrícola. Torres (2003) define as características de fronteira agrícola como organização social e econômica arcaica, vazio demográfico, distante e insignificante em termos de contribuição para o desenvolvimento econômico do país. Além das características apontadas pelo autor, as áreas dos cerrados brasileiros possuem relevo privilegiado para a mecanização, água em abundância e mão-de-obra barata.

ESQUEMA 1

EXPANSÃO CAPITALISTA DA AGRICULTURA NO BRASIL



FONTE: Elaboração da autora, 2003.

O esquema ilustra, também, as transformações regionais geradas pela inserção de seus espaços no setor agroprodutivo e o fomento do Estado por meio da atuação da EMBRAPA, órgão responsável pela criação de tecnologias que tornaram produtivo e rentável o cultivo das terras ácidas e pouco férteis da região dos cerrados e, principalmente, pelo melhoramento genético das sementes, do desenvolvimento de variedades de arroz, algodão, soja, café e milho adaptados à região e do uso de técnicas de adubação, manejo e correção do solo.

Devido a estas pesquisas, os cerrados brasileiros são responsáveis por mais de 40% das safras de grãos colhidas no país. Contudo, o pequeno produtor e os segmentos do capital agrário vinculados à exploração extensiva da terra não tiveram acesso aos créditos e subsídios governamentais, que passaram a ser direcionados para setores altamente tecnificados da agricultura moderna¹⁸.

Nas décadas de 1970 e 1980, os cerrados do Noroeste e Triângulo Mineiro foram beneficiados por incentivos financeiros e tecnológicos, através principalmente do POLOCENTRO e do PRODECER.

O POLOCENTRO, Programa de Desenvolvimento do Cerrado, tinha por finalidade promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias da região Centro-Oeste e do Oeste de Minas Gerais. Foi o programa de maior impacto direto sobre a agricultura no bioma cerrado, investindo em infraestrutura e linhas de crédito fundiário subsidiado. No artigo primeiro do regulamento do Programa, tem-se a definição de suas ações:

O POLOCENTRO tem por finalidade promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias da região Centro-Oeste e Oeste de Minas Gerais, mediante a ocupação racional de áreas com características de cerrado e seu aproveitamento em escala empresarial. (FRANÇA, 1984, p.76).

O PRODECER, Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado, iniciou suas atividades em 1979 no Noroeste Mineiro, estendeu-se numa segunda etapa, para outras regiões e estados com o objetivo de estimular e desenvolver a implantação de uma agricultura moderna, eficiente e empresarial na região dos cerrados.

¹⁸ Os créditos agrícolas subsidiados pelo governo foram altamente seletivos, priorizaram o acesso aos empréstimos apenas aos proprietários fundiários e principalmente aos latifundiários. Foi uma política excludente, sendo apontada como uma das causas do êxodo rural no Brasil Central.

Estes programas trabalharam em conjunto e em parceria com a EMBRAPA, fomentaram o desenvolvimento das agroindústrias, que se fortaleceram economicamente, apesar dos contrastes sociais decorrentes desse modelo excludente.

Concomitante à implantação dos programas de desenvolvimento da agroindústria nos cerrados do Noroeste Mineiro, o Norte de Minas, que apresenta contrastes naturais e sociais semelhantes aos do Nordeste do país, foi inserido na RMNe, e assistido pelas políticas públicas gerenciadas pela SUDENE¹⁹, que direcionou as atividades implantadas nesta região. De acordo com Rodrigues (2005), desenvolvimento implica a redução de desigualdades na distribuição de renda, como também nas condições sociais, culturais e no acesso à saúde e à educação para toda a população. Ao contrário do descrito acima, a SUDENE priorizou o desenvolvimento econômico do Nordeste, entendendo que este seria fator que possibilitaria a diminuição das desigualdades regionais:

(...) a SUDENE foi concebida por Celso Furtado para ser elemento de planejamento e de administração dos recursos públicos, financiando projetos que induziriam o crescimento econômico de modo a corrigir, conseqüentemente, as disparidades regionais e as desigualdades de renda. (RODRIGUES, 1999, p. 83).

A Criação da SUDENE está intimamente ligada ao Pensamento Cepalino²⁰ de desenvolvimento econômico do país. Esta corrente de pensamento tinha como premissa o desenvolvimento voltado "para dentro", e a industrialização foi sua peça-chave. Ferro e Aroucha (2001) analisam que, no período pós-golpe militar, o

¹⁹ A "Região Mineira do Nordeste" ou "Área Mineira da SUDENE" compreende oitenta e seis municípios, correspondendo aproximadamente à macrorregião do Norte de Minas Gerais (macrorregião mineira de planejamento VIII). Os 127.532 km² de área territorial correspondem a 21,89% do território mineiro e abrangem as microrregiões de Bocaiúva, Grão-Mogol, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora e Salinas. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2005).

planejamento regional foi combatido e sujeitado ao “milagre brasileiro”, que acelerou o crescimento da economia ao custo de forte endividamento externo, inflação e concentração da distribuição de renda, refletindo o sistema de propriedade e posse do solo e caracterizado por privilégios distributivos. O aumento da taxa de desemprego também foi uma das conseqüências deste processo.

A SUDENE conduziu todo o processo de ocupação e exploração do Nordeste: a implantação de pólos e distritos industriais, de projetos de irrigação para a modernização da agricultura, e, principalmente na década do “milagre brasileiro”, da instalação de empresas de carvoejamento e reflorestamento que tinham o objetivo de fornecer energia para as indústrias de base do Sudeste.

Simultâneo ao desenvolvimento agrícola das regiões Noroeste e Triângulo Mineiro, Buritizeiro, como outros municípios do Norte de Minas, obteve incentivos da superintendência²⁰, para a implantação de atividades voltadas para reflorestamento e carvoejamento, objetivando fornecer carvão às indústrias implantadas em Pirapora, em Várzea da Palma e em outras áreas do Sudeste. O município teve grande parte de seu território desmatado para abrigar esta nova forma de exploração capitalista. Nesse processo, expressiva parcela de camponeses que habitava as áreas rurais do município foi expulsa de suas terras, uma vez que ocupavam áreas devolutas concedidas pelo Estado a grupos empresariais, que tiveram suas atividades financiadas pelo Banco do Nordeste, o que comprova a política concentradora do Estado.

²⁰ CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe da Organização das Nações Unidas) – escola de pensamento econômico – foi criada em 1949 e se tornou uma referência imprescindível na discussão sobre o desenvolvimento econômico dos países latino-americanos.

²¹ Embora a SUDENE tenha iniciado suas atividades em 1960, suas ações alcançaram Buritizeiro apenas em 1972.

O cercamento dos campos, tal como na Inglaterra, não tardou a se fazer, contando, inclusive, com o apoio formal do Estado, privatizando grande parte das terras devolutas, com contratos de concessão por vinte anos para empresas de plantação de eucalipto, como os efetuados pela Ruralminas durante o regime ditatorial sob tutela militar, em Minas Gerais. (GONÇALVES, 2004, p. 222).

Os lugares de vida da população rural do município de Buritizeiro se transformaram em espaços de reprodução do capital. Dezenas de famílias que viviam e se sustentavam por meio de práticas campesinas foram substituídas pelo machado, pela serra elétrica, pelo trator, pelos fornos de carvão e pelas florestas de eucaliptos.

3.2- Buritizeiro: terra dos antigos Caiapós, dos bitacas, dos carros-de-boi, dos tropeiros e dos muitos nomes

Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de Belém – de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José? Precisava de se ter mais travação. (GUIMARÃES ROSA, 1986, p.273).

No século XVII, o bandeirante Manoel Francisco Toledo conquistou a Tribo dos índios Caiapós, habitante da margem esquerda do Rio São Francisco, e batizou aquela área de São Romão. Santo Antônio da Manga, São Gonçalo das Tabocas, Santo Antônio das Tabocas e Pirapora d'Além São Francisco foram os outros nomes que o vilarejo possuiu. Em 1861, o distrito passou a se chamar São Francisco de Pirapora, e em 1923, finalmente, seu nome foi definitivamente substituído por “Buritizeiro”, nome vinculado à planta característica das veredas: o buriti.

Ah, buriti cresce e merece é nos gerais! ... Aos Buritis-Altos, digo ao senhor – vereda acima (...).(GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 135).

Os primeiros habitantes do município, após a expulsão dos índios Caiapós, foram atraídos pela possibilidade de desenvolverem atividades de caça, pesca, de mineração (no rio do Sono, distrito de Paredão de Minas, cenário final do romance

Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa) e principalmente atividades agrícolas.

Em 1909, o médico sanitarista Carlos Chagas, percorrendo o Sertão dos Gerais, pesquisando as possíveis causas do mal do coração que matava subitamente suas vítimas, chegou ao então vilarejo “São Francisco de Pirapora”, onde encontrou no sangue da menina Berenice o protozoário “*Trypanosoma Cruzi*”, descobrindo assim, o causador do mal de Chagas: um barbeiro²².

Em 1911, foi fundada a Escola de Aprendizes Marinheiros do Estado de Minas Gerais, que formava marinheiros e os preparava para a Escola de Oficiais do Rio de Janeiro. Desativada em 1920, abriga atualmente uma unidade da Escola da Fundação Caio Martins, FUCAM.

Até 1944, o vilarejo só contava com estradas para carros-de-boi e carroças. A comunidade ainda contava com poucas “*Bitacas*” - pequenos armazéns - e era abastecida pelos carros-de-boi e pelos tropeiros. Em 1963, através da Lei Estadual 2.764, criada no Governo de Magalhães Pinto, o município de Buritizeiro foi emancipado. A letra do hino do município registra sua maior riqueza natural, a água.

Meu querido recanto formoso
O teu nome é leal e altaneiro
E me sinto tão forte e ditoso
Em ser teu filho, ó Buritizeiro

O teu nome nasceu das palmeiras
Do guerreiro herdaste a coragem
Te embeleza a formosa cachoeira
Do rio que te banha as paragens²³.

²² Fonte: Jornal “A Semana”, ano XXXII - ed. 1666, páginas 7 a 9, em comemoração ao 42º aniversário do Município, 2004.

²³ Autoria e letra Irilda Campos Porto. Fonte: Jornal “A Semana”, ano XXXII - ed. 1666, páginas 7 a 9, em comemoração ao 42º aniversário do Município, 2004.

O município constituiu-se com vocação para atividades agrárias. A pesca, em menor escala, era a fonte de renda da população urbana, além do comércio realizado junto às embarcações do rio São Francisco e com os tropeiros. Através das transformações que foram ocorrendo ao longo de sua história, o comércio se fortaleceu: num primeiro momento, com os produtos derivados do campo, num segundo, mais recente, com artigos variados, desenvolvendo uma maior autonomia em relação ao município vizinho, Pirapora. A urbanização do município também foi um fator que acentuou a ascensão deste setor.

O IDH, Índice de Desenvolvimento Humano²⁴, de Buritizeiro, de 0.50, assemelha-se ao do Nordeste e fica abaixo da média nacional, o que demonstra a grande complexidade de problemas que a região apresenta, tais como: estrutura etária predominantemente jovem, representando 48% da população, segundo os dados do Censo 2000/IBGE, baixa taxa de escolaridade e alto índice de violência entre jovens no meio urbano²⁵.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BURITIZEIRO
1970 a 2000

	1970	1980	1991	2000
População total	12.215	18.274	24.477	25.876
Urbana	4.466	9.787	18.069	21.773
Rural	7.749	8.487	6.408	4.103

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censos Demográficos 1970, 1980, 1991, 2000.

Em decorrência da implantação de áreas de florestas homogêneas e da modernização da agricultura, a urbanização ocorreu de forma acelerada, como

²⁴O IDH é um índice criado pela ONU (Organização das Nações Unidas), que divulga desde 1950 dados sobre a situação econômica e a qualidade de vida dos países. Para tal, leva em consideração principalmente três características: expectativa de vida, grau de escolaridade e PIB per capita.

²⁵ Informação fornecida pelo presidente do Conselho Tutelar do município de Buritizeiro.

demonstram os dados da Tabela 1. Esta análise corrobora o esvaziamento do campo para as atividades introduzidas a partir da década de 1970.

3.3- A Apropriação da Natureza

Em 1972, subsidiados pelas políticas da SUDENE, grandes grupos de empresas de carvoejamento se instalaram no município, entre eles, as siderúrgicas, para suprir suas necessidades de energia e matéria-prima. As práticas de reflorestamento e de carvoejamento ocasionaram a perda da vegetação nativa de Buritizeiro, devido ao grande desmatamento de áreas de cerrados para a implantação de florestas homogêneas de *eucaliptos* e *pinus*.

O ato de implantar monoculturas de eucalipto, com o eufemismo de “reflorestar em benefício do progresso”; adquiriram por preços irrisórios, grandes extensões rurais de terras em Buritizeiro, transformando-as no maior maciço verticalizado reflorestado com *pinus* e *eucaliptos* do estado. (GONTIJO, 1999, p. 72),

Foi a introdução do capitalismo no campo, através do primeiro ciclo de seu desenvolvimento - a prática de carvoejamento - que levou à nova redefinição demográfica do município. Esse modelo de desenvolvimento e produção amplamente incentivado pelo Estado brasileiro foi plenamente absorvido pelo município, embora essa situação tenha levado a uma intensa degradação do meio rural, desencadeando mudanças nas relações sociais e econômicas, através da acentuada concentração de terras, expulsão do homem do campo e da crescente favelização da cidade.

Durante o período de instalação dos CAIs no cerrado mineiro, mais precisamente Oeste e Triângulo Mineiro, Buritizeiro ficou à margem do desenvolvimento agroindustrial, sua economia continuou a se sustentar no reflorestamento, carvoejamento e criação extensiva de gado. A agricultura praticada na região era incipiente e principalmente de subsistência ou para abastecimento do mercado local. (GAMA et Alli, 2000, p. 3),

Na segunda metade da década de 1990, devido à necessidade da expansão de terras para a agricultura em grande escala, o município de Buritizeiro começou a receber grupos agroempresariais originados de São Paulo, Paraná e do Triângulo Mineiro, como pode ser observado na tabela a seguir.

TABELA 2
AGROINDÚSTRIAS PRESENTES NAS CABECEIRAS DO RIO FORMOSO, 2005²⁶

EMPRESA	ORIGEM/SEDE	PRODUTO
Adiflor		Soja, milho, feijão, tomate
Conquista (Sementes Laçador)	Patos de Minas	Soja e algodão
Agromen Sementes	São Paulo	Soja
Fazenda Serrinha	Patos de Minas	Café, soja e milho
Serranorte Agropecuária Ltda	Triângulo Mineiro	Café
Planalto Agropecuária	São Paulo	Consórcio de café e seringueira
Fazenda Gameleira	Patos de Minas	Café

Fonte: Adaptação da autora, dados da Secretaria de Agricultura e Agronegócios de Buritizeiro, 2005.

As empresas cultivam prioritariamente soja e café e se instalaram no município seduzidas pelos baixos preços das terras, pela riqueza hídrica e pela facilidade de acesso da região, que se dá pelas rodovias federais BR 365 e BR496 e as rodovias estaduais MG 161 e MG408 (Figuras 3 e 4), além da hidrovia do rio São Francisco, onde inicia seu primeiro trecho navegável, que se estende até Juazeiro-BA.

²⁶ Existem outras empresas atuando na bacia do Formoso, porém, as citadas são as que mais se destacam.

Figura 4: Mapa rodoviário região Norte de Minas
Fonte: DNER, 2005. (projeção sem escala)

Estas empresas são altamente mecanizadas, necessitando de pouca mão-de-obra constituída por trabalhadores que se deslocam todo o dia do meio urbano para o rural e utilizam, em larga escala, técnicas de irrigação e a mecanização.

A cafeicultura desenvolvida nas regiões do cerrado é fruto de tecnologia, traduzida em alta produtividade e qualidade e é um dos mais importantes resultados da pesquisa agrícola em Minas Gerais. (...) em 1974, a área cultivada de soja era de 47,8 mil hectares, produzindo 47,6 mil toneladas. Hoje, a área de cultivo é de 576 mil hectares e a produção é de 1 milhão e 340 mil toneladas. Sem o forte aporte tecnológico os avanços teriam sido bem mais modestos, (CANÇADO JR, p. 34).

As agroindústrias que se instalaram em Buritizeiro possuem infra-estrutura para estocagem, beneficiamento e comercialização - etapas necessárias de armazenagem, produção, distribuição e consumo dos produtos - nos municípios-sedes das empresas. A elas não interessa expandir sua indústria, mas sim sua produção industrial, precisando para isto de maior quantidade da matéria-prima. Os grãos produzidos em Buritizeiro têm esta função. Neste contexto, o município serve apenas como espaço agrícola. Depois de colhidos os grãos são transportados pelas empresas agroindustriais para beneficiamento e/ou comercialização.

Tendo como respaldo legal a isenção do recolhimento do ICMS - que permite ao produtor rural transitar livremente com seu produto dentro do estado de origem sem a emissão de notas fiscais de saída das safras - fato esse denominado como *passeio de safras* por Graziano da Silva (1998), as empresas enviam a colheita para o local onde há a transação comercial, como mostra a Figura 5.



FIGURA 5: Transporte de safra de soja para o município de Uberlândia²⁷.
FONTE: Fotografia da autora: 2005.

No ato da venda o recolhimento do imposto é efetuado favorecendo o município onde ocorreu a comercialização, determinando o desvio da parcela do ICMS que deveria ser remetida pela União ao município de origem da safra e é enviado ao que efetua a transação comercial.

Portanto, Buritizeiro está se tornando uma *nova fronteira agrícola* dentro do espaço considerado como fronteira agrícola nacional: os cerrados. O município insere-se, deste modo, na dinâmica modernizadora de forma incompleta: não há integração agricultura/indústria²⁸, o setor primário absorve pouca mão-de-obra por ser altamente tecnificado.

Um outro dado importante a analisar refere-se à passividade do setor terciário em relação ao avanço da produção capitalista do campo. O comércio é o setor

²⁷ O Motorista se negou a informar o nome da fazenda em que recolheu a safra, no total, foram avistados cinco caminhões.

²⁸ A integração se dá quando outros ramos da atividade agroindustrial também estão presentes junto à produção no campo, entre elas beneficiamento, empacotamento e comercialização. Em Buritizeiro, a atividade está voltada apenas para a produção e transporte.

responsável pela dinâmica urbana de Buritizeiro, uma vez que a indústria não é um segmento representativo para a economia do município.

TABELA 3
ORIGEM DOS INSUMOS UTILIZADOS NAS LAVOURAS DAS FAZENDAS VISITADAS

Fazenda	Local de compra dos insumos
Agromen	Paracatu/MG, São Paulo e Goiás
Chapada Guimarães (Petkov)	Patos de Minas e João Pinheiro/MG, e Santa Catarina
Conquista	Patos de Minas, Paracatu e Lagomar/MG.
Novo Mundo	Patos de Minas, Uberlândia/ Bocaiúva/ e Paracatu/MG.
Rio Formoso (Adiflor)	Patos de Minas, Uberlândia, Bocaiúva e Paracatu/MG

Fonte: NASCIMENTO (2006). Resultado de pesquisa de campo realizada entre os anos 2004 e 2006.

Os dados da Tabela 3 mostram que as empresas de agricultura comercial não movimentam o comércio local, uma vez que utilizam em suas lavouras insumos adquiridos em outros mercados. As máquinas de alta tecnologia são adquiridas em São Paulo ou em outros grandes centros, os fertilizantes e adubos são comprados diretamente das cidades sedes das empresas ou de mercados diversos. Portanto, não houve aquecimento/crescimento do comércio suficiente para acompanhar o aumento da população rural que migrou para a cidade. Buritizeiro, que apresentava taxa de urbanização em 1960 de 28%, no ano 2000 apresenta 84%, como mostra a Tabela 4.

TABELA 4
MOBILIDADE DEMOGRÁFICA NO MUNICÍPIO DE BURITIZEIRO, ANOS 1960 A 2000

Ano	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Rural (%)
1960	9.093	2.525	6.568	72
1970	12.250	4.467	7.738	63
1980	18.274	9.787	8.487	46
1991	24.447	18.062	6.421	26
2000	25.904	21.804	4.100	16

Fonte: adaptação M.G.C.C. GAMA, dados IBGE / Censo 1960 a 2000.

Com o crescimento acelerado da população urbana, surgiram bairros periféricos sem condições básicas para abrigar os novos moradores. Devido à pequena possibilidade de absorção da força de trabalho na área urbana, a maioria desta população vive nas periferias e se desloca diariamente para trabalhar nas áreas rurais.

No ano de 2000, o PIB agropecuário em Buritizeiro correspondia 32,5% do PIB total. Observamos que este setor tem maior importância relativa na formação do PIB total que para o Norte de Minas, o qual corresponde (12,30%), e Minas Gerais com (8,5%) do PIB total. (NASCIMENTO 2004, p. 46),

Nascimento (2004) aponta o importante papel do setor agropecuário para o município, porém deixa de revelar as disparidades existentes: as riquezas geradas pelas safras não retornam ao o município, os lucros são enviados para as matrizes das empresas agroindustriais, não gerando benefícios socioeconômicos para a população local.

Esta realidade sintetiza as contradições existentes em grande parte do país, fruto do desenvolvimento imposto pelo capitalismo no campo, da atuação das políticas públicas que conduziram todo o processo, subsidiando com incentivos públicos, financeiros e pesquisas as empresas privadas que se estabeleceram em Buritizeiro.

4- A MEMÓRIA E O RIO: CENAS, CENÁRIOS E ATORES NO ENTORNO DO RIO FORMOSO

Só é legítima a posse da terra porque baseada no seu trabalho. É o trabalho que legitima a posse da terra; é nele que reside o direito de propriedade. Esse direito está em conflito com os pressupostos da propriedade capitalista (MARTINS, 1980, p. 61)

O rio Formoso localiza-se no noroeste do município de Buritizeiro e percorre aproximadamente 90 quilômetros antes de desaguar no rio São Francisco. Assim como no restante do município, seu povoamento pelos “homens brancos” teve início no século XX, quando foram se constituindo pequenas comunidades rurais.



FIGURA 6- Rio Formoso, médio curso.
FONTE: Fotografia da autora, 11/2005.

A partir da década de 1970, a dinâmica socioambiental começou a ser profundamente transformada pela chegada das empresas de carvoejamento e reflorestamento e, atualmente, pela presença da agricultura comercial irrigada.

A comunidade Capão Celado, localizada próximo à nascente do rio, é constituída por famílias que habitam a mesma área que habitaram seus antepassados quando se mudaram para a região, na década de 1950. Quando as empresas começaram a se instalar nas imediações, havia cerca de 80 famílias de agricultores camponeses posseiros, que habitavam as cabeceiras do rio Formoso, quase todos eles foram expulsos pelas empresas e pela polícia²⁹.

Apesar de resistentes, os moradores de Capão Celado estão sendo gradativamente rodeados pelas grandes lavouras que se instalaram nos arredores e que têm aumentado os desequilíbrios ambientais gerados pela utilização intensiva da água, do solo e de insumos artificiais, ameaçando a sustentabilidade da agricultura camponesa e do trabalho comunitário de coleta de frutos do cerrado para a produção de alimentos e de medicamentos. Os antigos moradores convivem com as práticas predatórias de desmatamento nas áreas de preservação para a monocultura mecanizada e de carvoejamento realizadas pelos novos atores, como mostra a Figura 5, refletindo as diferentes percepções sobre o *habitar o lugar* entre os diferentes sujeitos que compõem a população do Formoso: os “ficantes” e os “chegantes”³⁰.

O vaqueiro Doím: Por isso, que digo, que ele vai vender o que tem, tudo.

O vaqueiro Fidélis: O Urubuquaquá? As terras?

O vaqueiro Sacramento: Pode, por ele não ser daqui. Não tem amor. Terras em mão dele são perdidas... (GUIMARÃES ROSA, 2001b, p. 119).

²⁹ Informação fornecida por Dona Zelu, moradora de Capão Celado. Sua origem e vida vinculam-se a esta comunidade. Ela cita, também, a atuação do DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, dos delegados do



FIGURA 7: Terra preparada para cultivo e bateria de fornos de carvão ao fundo, próximo à nascente do Rio Formoso³¹.
FONTE: Fotografia da autora: 07/2005.



FIGURA 8- Trabalhadores rurais: hora de almoço!
FONTE: Fotografia da autora, Fazenda Adiflor, 07/2005.

município e dos capatazes das empresas, que utilizavam armas de fogo e ameaçavam os moradores, para que se retirassem da área que lhes fora cedida pelo governo para explorar suas atividades.

³⁰ As categorias “ficantes” e “chegantes” são discutidas na interpretação do Quadro 1, capítulo 4.

³¹ Fazenda de propriedade de uma empresa agroexportadora, a Agromem. A vereda se encontra encoberta pelo resquício da mata ciliar ao fundo.

A concentração das terras e a mecanização da agricultura forçam o deslocamento constante para as cidades de novas levas de elementos rurais desempregados, onde,

a procura do trabalho é o primeiro motor responsável pelos deslocamentos periódicos ou definitivos: a migração em direção aos locais de emprego, migração temporária, individual ou familiar, migração sem esperança ou sem intenção de retorno. (...) a sobrevivência é o vetor da partida, mas o sucesso migratório depende da existência, em outra parte do país ou do mundo, de uma situação simétrica caracterizada pelo desequilíbrio entre a oferta e a procura de emprego, favorável à oferta de emprego, (GEORGE, 1969, p.156).

Dividindo os mesmos espaços com intensidade cada vez maior, com os modos de vida e trabalho locais, a agricultura comercial desestrutura os modos de vida dos moradores tradicionais e utiliza, de forma predatória, os recursos naturais - a água, o solo e a vegetação - gerando o desequilíbrio do meio e exaurindo o sustento das comunidades. São conseqüências: a migração, a proletarização do camponês e a ascendência da categoria do trabalhador volante, o “bóia-fria”. As classes operárias agora também vivem **no** campo ou **do** campo, são os operários itinerantes, os operários bóias-frias, os operários da terra.

4.1- A Memória, a Partilha e o Morro

“a memória sonha, o devaneio lembra”.
Bachelard, 1998.

Nesta parte da pesquisa, a interpretação da realidade socioambiental das cabeceiras do Formoso foi construída através dos significados do *habitar* o lugar. As ferramentas utilizadas foram os relatos dos moradores e a discussão que eles proporcionaram, juntamente com dois autores, como descrito a seguir:

A **Memória**: Recorre-se a Ecléa Bosi (1994) em seu livro “Memória e Sociedade³²”, a autora colhe lembranças de velhos, explicitamente falando da memória como função social, para embasar o conceito de memória. Ela aborda que a essência da cultura é a memória. Que no jeito de ser de um povo, no modo de andar, de falar, de arrumar a casa existe muito das gerações passadas. Neste trabalho, a memória está ligada aos relatos dos personagens que habitam as cabeceiras do rio Formoso, resultado das entrevistas com os moradores do lugar, os relatos de vida e trabalho dos habitantes do Formoso. “o passado é memória, não passiva, mas sim ativa, fervilhando no presente humano”. (ARRUDA, 2003, p. 71).

A **Partilha**: Refere-se à obra “A Partilha da Vida”, de Carlos Rodrigues Brandão. O trabalho realizado pelo autor foi em outra região: São Luís do Paraitinga-SP, porém, muitos dos fatos que lá ocorreram se repetiram em Buritizeiro com duas marcantes diferenças: i) a diferença dos espaços - a distância geográfica fez com que esse fato ocorresse com quase um século de atraso em relação a São Luís - e; ii) a diferença dos tempos – a tecnologia utilizada pelo sistema capitalista estava mais avançada quando chegou em Buritizeiro. O processo de transformação do ambiente e os problemas socioambientais conseqüentes ocorreram de forma acelerada.

O **Morro**: O conto “O Recado do Morro”, de Guimarães Rosa, realiza uma inter-relação entre os relatos dos habitantes do lugar e a estória dos que habitam a obra do autor. Parte deste conto se passa em Buritizeiro, na *vertente* do Formoso. As descrições da paisagem, do lugar, das veredas, dos chapadões e do povo sertanejo se fundem com a memória dos habitantes do lugar:

³² Interpretação dada por Oliveira (2006).

Ao sim, tinha viajado, tinha ido até princípio de sua terra natural, ele Pedro Orósio, catrumano dos Gerais. Agora, vez, era que podia ter saudade de lá, saudade firme. Do chapadão - de onde tudo se enxerga. (GUIMARÃES ROSA 2001b, p. 100).

4.1.1- A Memória e A Partilha da Vida

Em um primeiro momento da memória, o sertão ainda não tem moradores rurais. Em um último ele ameaça vir a já não tê-lo mais, (Brandão, 1995, p.12).

A região onde hoje se localiza o município de Buritizeiro foi primeiramente habitada por índios, que foram expulsos pelos bandeirantes. Como no restante do território brasileiro, guerras foram travadas contra os indígenas, sua legitimidade moral escorava-se nas leis da igreja católica, que considerava seres pecadores e inferiores todos aqueles que levavam uma vida “pagã”.

Momentos agudos de “guerra justa” contra o “gentio” são movidos por hordas de bandeirantes ou tropas reais. Mas o lento trabalho quase invisível de enfrentar povos indígenas, conviver com eles, misturar vidas e etnias e, ao final, ocupar e repovoar suas terras, corre por conta de frentes agrícolas de lavradores caipiras, ao lado ou à frente de sesmeiros e donos de fazendas, (BRANDÃO, 1995, p. 27).

Após a expulsão dos indígenas, a região começou a abrigar famílias. A partir de 1970³³, os camponeses se viram desapropriados de suas terras para a instalação das empresas reflorestadoras e de carvoarias e, atualmente, para a agricultura mecanizada.

Nos documentos dos órgãos oficiais de Buritizeiro que relatam a história da sua formação, constata-se que há uma grande lacuna entre a história contada e a história vivida. Não há menção sobre os povos indígenas ou os agricultores posseiros que se estabeleceram na região e formaram os povoados, personagens expropriados de suas terras pela força da guerra e a lei da cobiça.

Os primeiros habitantes vieram para cá, atraídos pela possibilidade de cultivarem a terra, de exercerem trabalho de mineração (garimpo), caça, pesca e pela farta pastagem que facilitaria a criação de gado. Citamos alguns dos primeiros habitantes da Vila de São Gonçalo das Tabocas: (...).³⁴

O trecho da história do município descrito acima é uma transcrição de parte do documento³⁵. Os registros históricos foram realizados apenas a partir do período em que o povoado foi ascendido a vila, ou seja, quando a “ordem” começou a ser constituída pelos “homens de bem”. Para Brandão (1995, p.26), “*Um povoado surge, uma vila se erige*”, ou seja, o povoado se transforma em vila quando famílias donas outorgadas de terras, comerciantes, representantes políticos e órgãos locais de poder ali se instalam.

A perda dos costumes e dos conhecimentos acumulados pelos povos que habitaram a região por longos e indeterminados tempos é um preço muito alto que a sociedade paga ao esquecer o seu passado. No município, uma rua central foi batizada com o nome Manoel Francisco Toledo, o histórico bandeirante que derrotou os indígenas. Nenhuma rua foi batizada com o nome Caiapó. “Crise da memória: (...), a recusa de transparência equivale a uma vontade de esquecimento e conduz a uma fuga diante da culpabilidade”, Estévez (1994, apud BRANDÃO, 1998 p. 83).

A partir das transformações provocadas pelo estabelecimento de novos modelos de produção e trabalho - a economia de mercado - através da introdução dos grupos empresariais nas cabeceiras do rio Formoso, os modos de vida e a organização do trabalho se transformaram, e com eles, as relações entre o homem e o seu *lugar* ou o homem e o *espaço*.

³³ Este assunto já foi discutido no 3º capítulo do trabalho, porém o enfoque que se dá aqui se diferencia do outro, o que justifica a retomada da abordagem.

³⁴ Prefeitura Municipal de Buritizeiro, Departamento Municipal de Educação e Cultura. Documentário do Município de Buritizeiro, dezembro de 1992.

³⁵ Este documento relata a história oficial do município, disponível na Secretaria de Cultura de Buritizeiro.

Muitos moradores das comunidades rurais migraram para a cidade, outros foram trabalhar nas carvoarias e poucos ficaram. Este feixe de relações se reflete nos múltiplos olhares transvertidos de particularidade, ratificando a mobilidade dos significados das categorias geográficas *lugar* e *espaço*, a partir das relações que se estabelecem entre o homem e o homem e entre o homem e o meio. Denuncia também o surgimento de uma outra categoria, o *território*, que se impõe pela introdução de novos modos de produção. Raffestin define o território como:

O fruto do espaço, ou seja, gerado a partir do espaço, “como resultado duma ação conduzida por um ator sintagmático (ator realizando um programa) seja a que nível for. Apropriando-se concretamente ou abstratamente de um espaço, o ator ‘territorializa’ o espaço”. (1993, p.108).

Estas categorias geográficas ostentam diferentes categorias sociais que se estabelecem pelas relações de vida e trabalho. Brandão (1995), os nomeia como “esferas das trocas”, divididas em três círculos que se aproximam de acordo com a ligação que as pessoas têm com a terra, daqueles que a possuem e daqueles que a cultivam:

No primeiro círculo, convivem tipos de pessoas que entre si estabelecem relações de parentesco, de vizinhança, de vínculo - profissional, religioso, lúdico e outros - ou pelo de um sentimento de compartilharem um mesmo mundo de vida e trabalho.

No segundo círculo, estão os sujeitos que traçam a fronteira entre o mundo do “lugar” e o mundo “de fora”.

Em um terceiro círculo, estão aqueles a quem a posse de terras ou o interesse de negócios com os produtos da terra ligam à região. Distantes porque “não são daqui” e “não vivem aqui”, são ainda mais distantes porque provêm de esferas de poder, de riqueza e de *ethos* que transitam entre estranhos e hostis aos seus equivalentes locais, (BRANDÃO, 1995, p. 107/8).

Seriam as diferenças do viver **o**, **no** e **do** entorno do rio Formoso. O Quadro 1 demonstra como ocorrem essas transformações e através de quais atores elas se constituem:

QUADRO 1

LUGARES, ESPAÇOS E TERRITÓRIOS: MODOS DE VIDA E TRABALHO NAS CABECEIRAS DO RIO FORMOSO³⁶

Categorias	Viver O entorno do rio Antes da déc. 70	Viver NO entorno do rio Entre as déc. 70 e 90	Viver DO entorno do rio 1990 a atual
Personagens	▪ Camponeses	▪ Camponeses ▪ Reflorestadoras ▪ Trab. assalariados	▪ Camponeses ▪ Reflorestadoras ▪ Trab. assalariados ▪ Agroindústria ▪ Bóias-frias
Modos de vida	▪ Lugar de vida e trabalho ▪ Lugar de alimento e abrigo	▪ Lugar de vida e trabalho ▪ Espaço de trabalho ▪ Espaço de negócio ▪ Espaço de acumulação	▪ Lugar de vida e trabalho ▪ Espaço de trabalho ▪ Espaço de negócio ▪ Espaço de acumulação
Modos de produção	▪ Reprodução da vida	▪ Reprodução da vida ▪ Acumulação de bens ▪ Mercado interno	▪ Reprodução da vida ▪ Reprodução do capital ▪ Mercado interno ▪ Mercado externo
Natureza	▪ Valor de uso	▪ Valor de uso ▪ Valor de troca	▪ Valor de troca ▪ Adaptação de sementes ▪ Const. artificial do solo

FONTE: Quadro elaborado pela autora; 2004.

Este quadro mostra os principais personagens que compõem o cenário do Formoso:

a) os Camponeses: percebem o Formoso seu *lugar*, o espaço do vivido e do experienciado. São os integrantes da comunidade tradicional que vivem em Capão Celado, nas cabeceiras do rio Formoso. Ferdinand Tonnies (2003, p.1), define o termo comunidade como:

(...) ato de “viver junto, de modo íntimo, privado e exclusivo”, como a família, os grupos de parentesco, a vizinhança, o grupo de amigos e a aldeia. Nas comunidades os indivíduos estão envolvidos como pessoas completas, que podem satisfazer todos os seus objetivos no grupo.

b) os “chegantes”, os trabalhadores assalariados: as cabeceiras do Formoso representam um *espaço* que pode ou não transformar em *lugar*, o que define isso

são as relações que se estabelecem entre ele e os outros e entre ele e o meio. Estas relações são complexas, já que podem ser formadas por pessoas de lugares distantes e por aqueles que vivem próximo e que podem ter ou não vínculos afetivos. Estes vínculos afetivos que fortalecem as relações e as atividades comunitárias podem ser construídos ao longo do tempo, mas é certo que enquanto não se constituírem, eles vivem em associações, que Ferdinand Tonnies (2003) define como relações em que os sujeitos também se encontram envolvidos entre si; mas a busca da realização de certos fins comuns é específica e parcial, unidas por um acordo racional de interesses.

c) os “de fora”, os empresários, os negociantes, os administradores: o Formoso representa o espaço de trabalho, de produção e de lucro, o *território*.

Com as transformações originadas pelo surgimento das empresas capitalistas, muitos moradores das comunidades rurais migraram para a cidade, outros foram trabalhar nas carvoarias e alguns resistiram e permaneceram com suas práticas campesinas.

Para os que mudaram de categoria e se transformaram em trabalhadores assalariados do meio rural e os que migraram para a cidade e vivem de outras atividades, seus anteriores *lugares* de vida permanecem apenas na memória. Transformaram-se, novamente, em *espaços*, que foram descaracterizados e retrabalhados para abrigar outras formas de produção. Cáppio et Alli (1995, p. 39) relatam o depoimento de uma senhora que trabalhou para uma firma reflorestadora,

³⁶ O quadro apresentado faz parte da discussão do trabalho apresentado para a conclusão de créditos da disciplina Natureza e Organização do Espaço Rural, do Instituto de Geografia da UFU, no segundo semestre de 2004. Ele foi reelaborado a partir das novas discussões apresentadas.

aplicando agrotóxicos em eucaliptais no município, que descreve o socorro prestado a colegas que desmaiavam durante a aplicação:

“_quando caía, a gente levava o companheiro para perto da água e lavava com sabão até chegar o carro para levar a pessoa para a cidade. O veneno era o Blenco”. (Blenco ou Bromex é um gás de brometo de metila altamente tóxico, de classe I, proibido em 7 países).

Para os assalariados de outras regiões e os bóias-frias, os vínculos afetivos não se estabelecem, o Formoso será sempre um espaço de trabalho, onde a dominação econômica subjuga as vivências humanas.

4.1.2- A Memória e O Recado do Morro

“Lugar e pessoa se misturam: ‘sertão’ ” (...), (BRANDÃO, 1995, p. 94)

Guimarães Rosa deu diversas definições para o Sertão, em uma delas ele diz que *“o sertão é do tamanho do mundo, (2001a, p.60)*. Se procurarmos neste autor o significado concreto do termo “sertão”, não o encontraremos. Dentre o conjunto de significados dados por ele, o mais próximo que podemos chegar é que para Guimarães o sertão é todo subjetividade e plasticidade, ele está mais no pensamento que nas especificidades do lugar propriamente dito, ele pode significar o tudo e o nada, ele pode estar em qualquer e em todas as partes, ele pode estar distante ou dentro de nós:

O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso (...). (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 470).

Morador há mais de 50 anos nas cabeceiras do Formoso, “Seo” Messias³⁷ descreve as antigas práticas de sobrevivência dos habitantes num sertão ainda sem

³⁷ Depoimento de Messias Veloso, integrante da comunidade Capão Celado.

dono: “Aqui era um sertão danado, na seca o gado vinha para o gerais, onde tinha verde e água”. Para ele, o sertão é a terra sem dono, o ermo, lugar de vida difícil, o deslocamento dos animais é uma estratégia de sobrevivência para épocas de seca.



FIGURA 9- As três gerações da família Veloso: avô, nora e neta.

FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.

Para o habitante de Buritizeiro, o sertanejo, aquele que viveu e aprendeu a sobreviver neste espaço, o sertão é a seca e a água, o verde e o marrom, a vastidão das campinas e a floresta, a madeira, os bichos e também as gentes que vivem lá.

“Seo” Messias conta que se mudou para as cabeceiras do Formoso na década de 1950, conseguiu a outorga de suas terras depois de anos de luta na justiça, em 1986. Sempre ereto, conversa calmamente sentado na varanda de sua

casa, com um gasto chapéu de couro na cabeça e um cigarro de palha na mão.

Questionado sobre os primeiros moradores da região, respondeu:

“O meu pai contava que o primeiro morador dessas bandas, depois dos bandeirantes, foi o ‘*Antônio Surunga*’, ele matou alguém lá em Coração de Jesus e veio morar aqui para se esconder da polícia. Tem um lugar aqui no Formoso que se chama “passagem do Surunga”.

E conta Riobaldo³⁸:

O senhor tolere, isso é o sertão... lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade. (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 1).

O agricultor relatou partes de sua história de vida: a chegada com o pai e onze irmãos e a luta que travou com a justiça para permanecer no seu lugar. Ao contrário da grande maioria de famílias que deixaram suas terras devido à pressão realizada pelas empresas e a polícia local para expulsá-los, a partir da década de 1970, ele os enfrentou e venceu:

Aqui tinha umas 80 famílias que morava aqui. A Plantar, que tinha mais de 50 mil hectares de terra, chegou em 1974 e começou a pressionar as famílias para irem embora, falando que tinha a escritura, que tinha comprado a terra. Tinha outras empresas: a Pinusplan, a Bradesplan (54 mil ha, hoje é dos Petcov), Liasa, Rima. Teve uma vez que o delegado João Queiroz, a mando da Liasa, veio aqui e queimou tudo: curral, plantação e casa, para espantar a gente. Mas eu entrei na justiça e fiquei, consegui a escritura por liminar da justiça. Tive sorte, era um juiz que tinha raiva dos militares, ele foi exilado na ditadura. A Ruralminas é que tomava a terra do povo.

De acordo com a Fundação Rural Mineira, Ruralminas, esta é uma entidade pública estruturada para oferecer tecnologia e serviços de colonização, engenharia, motomecanização e gerenciamento de programas de desenvolvimento rural. Seu objetivo, na década de 1960, era “integrar as áreas esquecidas do território estadual ao restante do país³⁹”.

³⁸ Personagem principal da obra do autor, Grande Sertão: Veredas.

³⁹ Disponível em <<http://www.ruralminas.mg.gov.br>>. Acessado em 18/07/2005.

Continuando a entrevista, ao ser questionado sobre a existência de antigos jagunços na região, “Seo” Messias relatou que “isso não foi do meu tempo não, mas do meu pai, que gostava muito de contar a história do Cassimiro, transformado em herói no sertão pelo assassinato de um chefe de bando”:

Meu pai contava uma história de um tal Rotilho que tinha por essas bandas, era lá de Coração de Jesus. Ele era chefe de muitos cangaceiros e punha medo e matava muita gente. Um dia, ele maltratou um menino, o Cassimiro, de 12 anos que jurou vingança. Seis anos depois, o Rotilho tava viajando num vapor, junto com seu bando de cangaceiros. O Cassimiro chegou de mansinho e ninguém deu importância para aquele rapaz novinho ainda. Chegou no Rotilho e falou ___ Você lembra daquele menino que você maltratou de criança? O Rotilho, deitado numa rede lhe deu um empurrão com um pé, sem desconfiar da sua valentia. O Cassimiro pegou a peixeira e cravou nele, matando o sujeito. Conseguiu fugir dos cangaceiros, mas foi preso depois pela polícia. Dizem que ficou rico de tanto presente que ganhou do povo agradecido.

Ao fim da entrevista, as histórias sobre os personagens das beiras do Formoso nos remetem ao Pedro Orósio ou Pê-Boi, de alcunha, personagem central do Conto O Recado do Morro:

(...) teve também a história do Vitor Cabra. Ele aprontou uma confusão com a polícia em Pirapora e fugiu. Trovejaram atrás dele do São Francisco acima seis policiais. Conseguiram acertar tiro de bala na perna dele. Quando o Vitor Cabra não tava agüentando mais a perseguição, pegou sangue da perna e sujou a boca, como se tivesse espumando e se fingiu de morto. A polícia chegou e acreditou na morte dele, teve um que falou: ___ quando a gente mata um cabra assim, tem que pisar em cima. Pisaram todos e ele ficou de morto. Os soldados foram embora e o Vitor Cabra viveu foi muitos anos aqui no Formoso. Quando ele ia “trupiar” e levava a cangalha na mula e a cangalha tava muito pesada e começava a escorregar da mula, ele puxava para frente, arrumando. Ele tinha uma força danada! (relato final do entrevistado).

(...) nem lhe faltavam 5 centímetros para ter um talhe de gigante, capaz de cravar de engolpe em qualquer terreno uma acha de aroeira e de levantar do chão um jumento arreado. (...) Daí, com medo de crime, esquipou, mesmo com a noite, abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrelas em estrelas, até aos seus gerais. (GUIMARÃES ROSA, 2001b. p. 28 e 105).

Pê-Boi retornou para os seus gerais, seu *lugar* e o *lugar* também do Vitor Cibra. O pertencimento é uma sensação subjetiva, construída pelas lembranças⁴⁰ dos espaços ocupados e partilhados pela nossa família e nossos próximos. Ou seja, são os elos afetivos que constroem os lugares. Para Pê-Boi, Cordisburgo não era o *seu* lugar, pois ele sentia um estranhamento em relação à conduta de seus amigos, as pessoas que lá viviam eram muito diferentes dele. Para os habitantes de Cordisburgo, Pê-Boi também era um estranho: homenzarrão, catrumano sem traquejo, que ocupava um espaço que não lhe pertencia: "Mas você é geralista, Pê... Sua terra, lá, eu vi, é bem que é boa...". (GUIMARÃES ROSA, 2001b, p. 75).

A ocupação de um espaço por um grupo de pessoas envolve a construção e a transformação deste espaço para prover as necessidades de sustento, de moradia, de manifestações diversas de fé, crenças e partilhas, da sociabilidade e das culturas que estas pessoas carregam de seus lugares. Reproduzir seus modos de vida são características da coletividade humana. Este espaço construído e habitado se transforma em *lugar*, a partir das relações que vão se estabelecendo entre as gentes, na construção de suas histórias.

Para Lefévre (1976, p.25), (...) o espaço é o *lôcus* da reprodução das relações sociais de produção. Yi-Fu Tuan define o espaço como:

(...) forças de ambientes terrestres passíveis de serem transformados em lugar mediante o trabalho do homem de uso, ocupação e significação social, isto é, os espaços que vão sendo ocupados por um grupo social são decodificados e recebem qualificadores e significados advindos da cultura. (TUAN, 1983, p.142).

Cavalcanti relata que para Tuan, o espaço é mais abstrato do que o lugar:

⁴⁰ Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la, para que ela não seja uma

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar, à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor (...) se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é a pausa, Cavalcante (1998, apud TUAN, 1982, p.6).

Da mesma forma que um espaço se transforma em *lugar*, a partir do trabalho humano e de suas relações, este *lugar* pode novamente significar *espaço*, através das ações e das transformações que são desencadeadas pelas relações capitalistas de organização de trabalho, pelas reproduções dos costumes consumistas, pelas perdas das memórias e dos significados destes “ex-lugares”. Assim ocorre nas cabeceiras do rio Formoso.

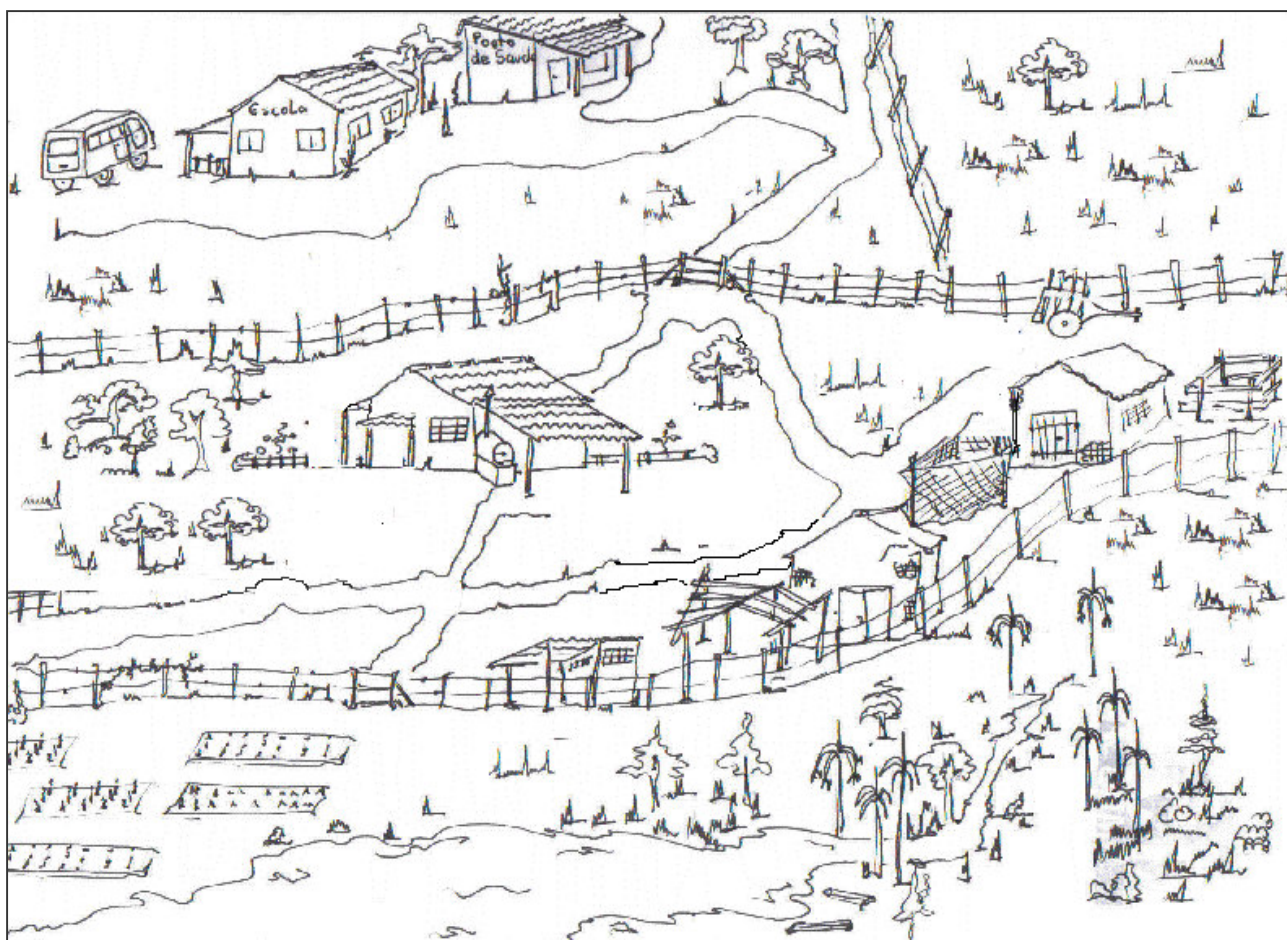


FIGURA 10- Lugares de vida e trabalho dos habitantes da comunidade Capão Celado, ao centro, morada da família do Sr. Messias Veloso. Cabeceiras do rio Formoso, Buritizeiro.
FONTE: Croqui de Ana Paola Ramos, 2005.

A agricultura praticada pelas comunidades campesinas que habitavam a bacia - hoje só existem as remanescentes -, a coleta de frutos do cerrado, as garrafadas preparadas para qualquer tipo de mal, a colheita em mutirões, as festas dos Santos Reis, o cerrado e as veredas eram os cenários dos *lugares* de vidas construídas através do tempo e do espaço. De acordo com Moura, o camponês:

Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e do espaço é profundo e já existia antes daquilo que convencionamos chamar de ciência, (1981, p. 6).

Ao ser indagada, Dona Zelu⁴¹ descreveu as práticas cotidianas dos antigos habitantes e as transformações da paisagem das cabeceiras do rio, com a chegada das empresas, na década de 1970:

Tinham muitos da minha família aqui. Eu cresci e vivi aqui, na beira do Formoso, toda a minha vida. Só mudei uma vez de casa, morava perto daqui, no Formoso mesmo. Naquele tempo, as roças emendavam umas nas outras. A gente trabalhava muito junto, era muita família. Mas a Plantar expulsou todos, falando que a terra era dela, que tinha a escritura. Ameaçava e trazia polícia: correu com todos. Aí, eles desmataram tudo, fizeram carvão e plantaram eucalipto. Não cuidaram, deixaram a terra nua e foram embora.

Questionada sobre o rio e as veredas, ela deu o seguinte depoimento:

Passa, passa a gente vai pescar e eu conto para os meus filhos: nossa, na época do meu pai, se viéssemos até aqui a gente afundava inteiro, era tudo um “pântano” só.

Pê-Boi foi o guiador⁴² de uma comitiva que realizava uma expedição científica pelo sertão, junto com o companheiro de trabalho, Ivo Crônico, o cientista Alemão seo Olquiste, o Frei Sinfrão e o fazendeiro seo Jujuca do Açude. Em algumas partes do conto que se passam “na vertente do Formoso”, o autor descreve a paisagem, o relevo, as veredas e os seres que habitavam as cabeceiras do rio:

⁴¹ Esposa de Messias Veloso.

⁴² Termo utilizado pelos sertanejos e adotado por Guimarães Rosa.

(...) passado o São Francisco, o *Apolinário*, na vertente do Formoso _ali já eram os campos-gerias, dentro do sol.

Medido, Pedro Orósio guardara razão de orgulho, de ver o alto valor com que seo Alquiste contemplara o seu país natalício: o chapadão de chão vermelho, desregal, o frondoso cerrado escuro feito um mar de árvores, e os brilhos risonos na grava da areia, o céu um sertão de tão diferente azul, que não se acreditava, o ar que suspendia toda claridade, e os brejos compridos desenrolados em dobras de terreno montanho _veredas de atoleiro terrível, com de lado e lado o enfile de buritis, que nem plantados drede por maior mão: por entre o voar de araras e papagaios, e no meio do gemer das rolas e do assovio limpo e carinhoso dos sofrês, cada palmeira semelhante um bem-querer, coroada verde que mais verde em todo o verde, abrindo as palmas numa ligeireza, como sóis verdes ou estrelas, de repente. (GUIMARÃES ROSA, 2001b, p. 53).

Segundo Dona Zelu, “no Formoso ainda tem veredas preservadas devido à dificuldade de acesso. Ninguém entra lá, só bicho, tem que ir à cavalo. Elas são fechadas, bonitas”.

A dinâmica social, cultural, econômica e ambiental das cabeceiras do rio Formoso pode ser representada por uma escala de tempos e cenários, através dos ciclos que desencadearam suas transformações. O Quadro 2, apresenta uma “*geo-cena*” que se passa em três tempos. Ele foi elaborado para evidenciar as nuances dos cenários, os diversos atores que são incorporados em cada ato-tempo e as relações que vão se tornando mais complexas a cada nova cena.

QUADRO 2
CONSTRUINDO CENÁRIOS DE VIDAS, VIVÊNCIAS E MODOS DE VIDA
NO RIO FORMOSO - SERTÃO MINEIRO

	1950 a 1970		1970 a 1990		1990 a 2005	
	Natureza	Lugares	Lugares	Espaços	Espaços	Territórios
Cenários	Rio Formoso Cerrado: bem comum, alimento Veredas Agricultura de subsistência Terra: cultivo Carrinhos de madeira, bonecas de caroço de manga Paiol Fogão de lenha e chão de terra batida Reuniões em volta da fogueira Religiosidade e superstição Anta, tatu, ararinha... Gado, porcos, cocás e galinhas		Rio Formoso Cerrado: bem de uso Veredas degradadas Agricultura de subsistência Terra: cultivo e exploração Reflorestamento Carvoarias: Queima = brasa = carvão Eucalipto = ouro verde Floresta homogênea Anta, tatu, ararinha... já findando Gado, porcos, cocás e galinhas		Rio Formoso Cerrado: apenas nos grotões e áreas inclinadas Veredas: as que resistiram e as que deixaram marcas de sua existência Terra: solo, fertilidade, exploração Monoculturas de grãos Floresta homogênea Baterias de fornos de carvão Irrigação - agrotóxicos Gado, porcos, galinhas	
Atores	Tropeiros Famílias de agricultores		Famílias de agricultores Trabalhadores assalariados Trabalhadores mirins Estado Empresários		Famílias de agricultores Trabalhadores assalariados trabalhadores mirins Bóias-frias Trabalhadores comunitários: associações Empresários Estado, ONGs Agentes de saúde, professores rurais	
Relações	Trabalho familiar Partilha/afetividade/trab. comunitários Valor humano: casas, cemitérios, igrejas, lugares sagrados ou sacralizados pela comunidade		Trabalho familiar Partilha, afetividade, trabalho Comunitário Trabalho familiar assalariado Grupo de empresas reflorestadoras Relações capitalistas de trabalho		Trabalho familiar (Associações, cooperativas) Partilha, afetividade, trabalho Comunitário Trabalho familiar assalariado Grupos de carvoejamento e reflorestamento Grupos de Agroindústrias Relações capitalistas de trabalho Pau de arara (caminhão de transporte dos bóias-frias)	

FONTE: Quadro elaborado pela autora, 2005.

Analisando esta *geo-cena*, podemos observar as transformações sociais e naturais ocorridas nas cabeceiras do rio Formoso, demonstradas nos três períodos de ocupação descritos. Antes de 1970, o cenário era múltiplo, de uma diversidade muito grande, os atores eram poucos, as relações eram simples e a interação homem - homem e homem - natureza era concreta.

Após 1970, com a chegada dos grupos empresariais, o cenário se transforma, fica mais pobre, a diversidade de vidas do cerrado é transformada em eucaliptal, as veredas começam a sofrer as conseqüências de seu mau uso. Aos poucos, as populações rurais vão se evadindo, e com elas, as tradições, a cultura e os modos de vida das comunidades tradicionais. As relações de trabalho se tornam mais complexas e estabelecem os múltiplos atores que farão parte desta cena: os trabalhadores das carvoarias, o Estado - que se faz ator ao incentivar esse novo modo de vida - os empresários, as mães, os jovens e as crianças trabalhadoras dos fornos de carvão.

Em 1990, um cenário mais complexo se desnuda: carvoarias, florestas homogêneas e monoculturas. Dessa cena também fazem parte os agrotóxicos e a agricultura irrigada da água que é extraída do Formoso e dos pequenos veios que o abastecem: as veredas. A terra, transformada em “solo agricultável”, perde sua capacidade de reservatório da água da chuva para o abastecimento perene das veredas e do rio e também suas características que propiciam e sustentam a diversidade do bioma cerrado, inseridos aí os animais e a flora. As relações são cada vez mais e mais complexas. A partilha nos trabalhos comunitários das comunidades tradicionais é sustentada pela resistência dos moradores que ficaram.

Os atores são ainda em maior número, a divisão do trabalho é mais presente e a exploração humana também. “As grandes monoculturas eliminam as pequenas policulturas de subsistência, agravando a escassez e determinando o êxodo rural”. (MORIM, 2003, p.44).

Também no Quadro 2, os *buritizais* não se encontram em nenhuma coluna, pois entende-se que eles, símbolos das veredas, do abrigo e da reprodução da vida

do cerrado, poderiam se encontrar em uma linha separada das demais, isso porque eles perpassam por áreas de transição entre *atores* e *cenários*, conforme as relações homem/meio vão se distanciando e se separando, surgindo no lugar uma segunda natureza, artificial e expropriada da biodiversidade deste bioma. Como atores, os buritizais representam o relacionamento harmônico entre todos os seres que habitam a bacia. Como cenário, representam a destruição do bioma cerrado, através das ações depredadoras daqueles que visam apenas o lucro e percebem a natureza como algo exterior ao homem. Dean (2004), afirma que seria mais cômodo afirmar que outras espécies desempenham apenas o papel de cenário, mesmo quando a peça é sobre a eliminação do cenário.

A natureza não existe sem nós, existe conosco e por nós; quiseram que ela fosse imutável e morta, ao passo que ela se move e tem uma história. Nela reconhecemos não apenas um objeto, mas também um sujeito. (MOSCOVICI 1975, p. 361),

Moscovici relata que a caça foi o fator humanizador dos hominóides, o fator primordial da organização da vida social, por ser uma atividade coletiva que necessita de domínio tecnológico. Nasce daí, a responsabilidade coletiva, cultiva-se a colaboração, a partilha, o cuidado com o outro, o afeto, a criatividade e a elaboração das regras de convivência e trabalho que desencadearam o fator cultural.

Para fazer uma horta a gente planta também girassol, beijo, cravo-de-defunto e fumo. A couve e o repolho, por exemplo, dá muito pulgão, no lugar de usar o Diazinol, remédio que tem muita química e tem que esperar oito dias para colher, a gente coloca o fumo de molho e usa, pode panhar a folha no mesmo dia. O beijo e o girassol são comida para inseto e o cravo de defunto é repelente de inseto. Aí dá tudo certo. (Gilson, habitante de Sambaíba, distrito rural de Buritizeiro).

Esta foi a explicação dada pelo entrevistado, ao ser questionado sobre a bela horta existente no quintal próximo a sua casa. É uma prática muito mais antiga que

as tecnologias introduzidas no campo pelo domínio veloz do conhecimento científico e pelo desenvolvimento de tecnologias elaboradas, muitas delas nocivas à saúde.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos, durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. (CLAVALL, 2001, p. 63),

São saberes que fazem parte do conjunto de conhecimentos herdados, adquiridos e acumulados por aqueles que vivem da terra, por meio do trabalho, do cuidado e da cultura.

5- AS IMAGENS DO RIO: ÁGUA, VEREDA, VEREDEIRO

Somente através da sensibilidade, do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente retratado que podemos ultrapassar o plano iconográfico: o outro lado da imagem, além do registro fotográfico. (CIVIATTA E ALVES, 2004, p. 15).

Quais são as perguntas que nos instigam a decifrar a mensagem de uma imagem? “A imagem não fala por si só; é preciso que as perguntas sejam feitas”. (MAUAD, 2004, p.26). O texto visual narra a memória presente, construção estruturada num primeiro momento no olhar de quem a registra. Mais que uma interpretação, ele é um registro realizado pelo autor de acordo com a sua vivência e interpretação de mundo e com o alcance de seu olhar. E num segundo momento, é interpretada pela leitura daquele que a observa, pois os significados de uma imagem ultrapassam a narrativa do autor ao ser resignificado por aquele que a lê.

Na verdade, é a competência de quem olha que fornece significados à imagem. Essa compreensão se dá a partir de regras culturais, que fornecem a garantia de que a leitura da imagem não se limite a um sujeito individual, mas que, acima de tudo, seja coletiva. A idéia de competência do leitor pressupõe que este mesmo leitor, na qualidade de destinatário da mensagem fotográfica, detenha uma série de saberes que envolvam outros textos sociais. (MAUAD, 2004, p. 24).

Neste capítulo, o uso da imagem fotográfica foi o instrumento utilizado para a interpretação da paisagem das cabeceiras do rio Formoso: as águas, a terra, os personagens e a degradação da vida provocada pelas atividades humanas. “As fotografias são mundos de relações silenciosas, densas, congeladas no tempo mínimo do obturador”. (CIVIATTA, 2004, p. 45). Também são dinâmicas, pois transbordam de significados as leituras e diálogos que elas possibilitam ao serem questionadas pelas perguntas que são dialeticamente respondidas: *rio Formoso, o que te pertuba?*

Para responder esta pergunta, primeiramente foram analisadas as diferentes características e os impactos causados, no bioma cerrado, pelos sistemas de agricultura presentes nas cabeceiras do rio Formoso⁴³, a comercial e a camponesa:

- O cerrado é um sistema ambiental que abriga grande quantidade e diversidade faunística brasileira, sendo que muitas espécies são endêmicas deste bioma. As veredas são subsistemas característicos dos cerrados, sendo esse o responsável pelas condições de sua existência. O desequilíbrio do bioma cerrado acarreta o desequilíbrio das veredas.
- As duas atividades analisadas, agricultura comercial e camponesa, e também as florestas homogêneas implantadas, podem acarretar o desequilíbrio das veredas, uma vez que esse subsistema está relacionado a toda a área embrionária, que abrange a área encharcada e a superfície de recarga que pode ser demarcada pelo sopé de uma escarpa ou pelo fim do solo turfoso e das árvores características que apresentam. Acarretam também o desequilíbrio do solo e da vida existente:
 - a. As florestas homogêneas, de eucaliptos e pinus, são plantas exóticas ao bioma cerrado. Sua introdução acarreta no desmatamento das árvores, no desaparecimento e desabrigo da fauna, adaptados a este bioma para sobreviverem, no assoreamento dos rios e veredas, na perda de nutrientes e na capacidade de armazenagem da água do solo.

⁴³ De acordo com mapas geológico e geomorfológico do PLANOROESTE, o rio Formoso encontra-se geologicamente no grupo Bambuí, formação Três Marias, esta é recoberta pela formação Areado e formação Urucuia e por depósitos de aluviões. Em seu baixo curso, a formação Três Marias aflora novamente até a sua foz, na planície sanfranciscana, caracterizada por sedimentos quaternários cobrindo a formação Três Marias. Sua geomorfologia está ligada ao Chapadão dos Gerais, sendo que grande parte de seu médio curso corre pela serra do Morro Vermelho. Este rio nasce de uma vereda, localizada a 45°26' Longitude Oeste e 17°53' Latitude Sul. Logo após, há a confluência desta com várias outras veredas, o que ocorre em todo seu percurso de 94 quilômetros de extensão. Até chegar à sua foz, no rio São Francisco, são as veredas que abastecem seu caudal, portanto as responsáveis por sua perenidade.

- b. A agricultura camponesa nos cerrados pode gerar o desequilíbrio ambiental pela remoção da cobertura vegetal para cultivo e pastoreio, a exposição do solo aos agentes erosivos como o vento e a chuva, a utilização excessiva das áreas de cultivo, o desmatamento em áreas de preservação, principalmente nas zonas de solos hidromórficos das veredas e nas vertentes dos cursos d'água, que geralmente servem como espaço para plantação de policultura de subsistência. O pisoteio do gado nas áreas encharcadas das veredas também pode provocar seu desequilíbrio, uma vez que seu abatimento impermeabiliza o solo.
- c. A agricultura comercial utiliza grande quantidade de insumos artificiais, de máquinas e de práticas de irrigação que podem originar conseqüências às águas e aos solos, através da contaminação por agrotóxicos, a exaustão dos solos e a ameaça à biodiversidade pela prática da monocultura. O desaparecimento dos pequenos cursos d'água utilizada para irrigação e a fuga da fauna local devido ao rompimento da cadeia natural de geração da vida.
- d. A utilização da calagem modifica o Ph do solo, gerando a alteração da microfauna e da microflora da cadeia trópica.

Nas cabeceiras do rio Formoso, a degradação do meio foi e é provocada pelo desmatamento, pela monocultura e pelo cultivo nas zonas hidrosaturadas das veredas. As imagens das máquinas “limpando” a terra da vegetação nativa, colhendo o algodão, a imagem da água do rio e das veredas jorrando pelos pivôs centrais, das placas das empresas agroindustriais saudando o “desenvolvimento”, das veredas represadas, dos trabalhadores assalariados, muitos deles antigos camponeses, cumprindo a “tarefa⁴⁴” do dia plantando, colhendo, retirando da terra os últimos vestígios que a máquina deixou ou aplicando produtos químicos. A imagem dos animais (que restaram) se adaptando ao ambiente estranho, da horta, do terreiro de chão batido, da casa com telhado de folhas de buriti, do homem sertanejo, do trabalhador camponês.

Essas imagens são interpretadas a seguir pelo olhar desta pesquisadora, e também serão por aqueles que as contemplarem e fizerem suas próprias leituras⁴⁵.

5.1- As Imagens do rio: as águas

Esse Alto-Norte brabo começava. – Estes rios têm de correr bem! – eu de mim dei. Sertão é isso, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. (GUIMARÃES ROSA, 2001a, p. 134).



FIGURA 11- Rio Formoso, médio curso.
FONTE: Fotografia da autora, 11/2005.

Nas análises sobre os impactos da agricultura em propriedades particulares com atividades voltadas para a produção em grande escala, nas cabeceiras do rio Formoso, foi omitido o nome das empresas, por não ter autorização das mesmas para sua divulgação. A propriedade de agricultura camponesa fotografada pertence à família Veloso. Além da agricultura camponesa, o estudo foi realizado em

⁴⁴ Segundo um encarregado da empresa (2006), a organização do trabalho é realizada através de tarefas, que são as atividades que devem ser desenvolvidas pelos trabalhadores naquele dia. Quando termina o serviço, eles são reconduzidos para as periferias urbanas.

⁴⁵ Neste trabalho não será realizada a discussão sobre legalidade/ilegalidade das atividades realizadas nas áreas retratadas. Esta seria uma outra discussão que não é objetivo do presente trabalho.

propriedades de agricultura comercial e de atividades voltadas para o carvoejamento. Na primeira propriedade analisada, foi construída uma barragem de armazenagem e captação da água para irrigação das plantações.



FIGURA 12- Barragem nas cabeceiras do rio Formoso, Buritizeiro. Ao fundo a presença dos buritizais.
FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.



FIGURA 13- Barragem e motor de captação da água para armazenagem na bacia de distribuição.
FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.

A barragem foi construída há 25 anos e pertence à empresa mais antiga do município com atividades voltadas para a produção agrícola comercial.



FIGURA 14- Tubulação que envia a água para a bacia de captação/distribuição.

FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.



FIGURA 15- Bacia de captação/distribuição para abastecimento dos pivôs centrais.

FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.

Como pode ser observado nas fotografias anteriores, foi realizado o desmatamento da área de preservação permanente, nas margens do curso d'água. A empresa localiza-se no Chapadão dos Geraís, próximo à nascente do rio Formoso. O desmatamento da chapada compromete duplamente o equilíbrio hídrico da bacia do Formoso: a) devido à perda da capacidade do solo de armazenagem das águas das chuvas que irão abastecer os cursos d'água nos períodos secos (chamo a atenção para a grande quantidade de veredas existentes ao longo do curso do rio, responsáveis por seu abastecimento) e; b) a maior evaporação da água devido à falta da cobertura vegetal, além de gerar a perda de fertilidade do solo devido à falta de matéria orgânica, sendo necessária a adição de maior quantidade de adubação química.

O sistema de irrigação utilizado por esta empresa é por meio de pivôs centrais.



FIGURA 16- Pivô central: o destino final da água nessa época do ano é a plantação de soja (os plantios seguem uma rotatividade periódica, entre eles: milho, feijão, tomate e algodão).

FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.

O profundo desequilíbrio hídrico que se instaura com os *latifúndios produtivos* de agronegócio (...) com sistemas de pivô central, de baixíssima eficiência, onde se perdem até 70% da água por evaporação direta e, assim, com a quebra/inversão da função de caixa d'água das chapadas. (GONÇALVES, 2004, p. 222).

A última imagem das águas utilizadas por essa empresa retrata um buritizal “afogado”, resquício de uma vereda que foi engolida pela barragem. Essa vereda (entre tantas outras) está morta, portanto, há menor quantidade de água para abastecer o rio.

O quanto em toda vereda em que se baixava, a gente saudava o buritizal e se bebia estável. (GUIMARÃES ROSA, 2001a, p. 326).



FIGURA 17- Buritizal “afogado” pela barragem.
FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2005.



FIGURA 18- Canal construído para o desvio da água da vereda.
FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2003.



FIGURA 19- Desembocadura do canal, onde a água é bombeada para irrigação por gotejamento.
FONTE: Fotografia da autora, 08 / 2003.



FIGURA 20- Cabeceiras do rio Formoso. Canais de distribuição de água.
FONTE: Fotografia da autora, 07 / 2005.

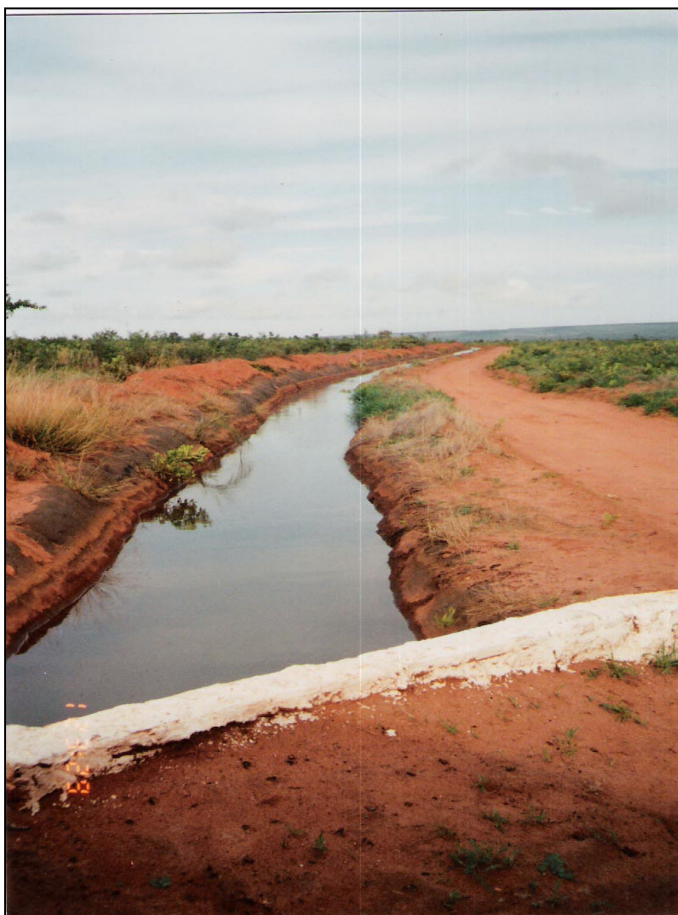


FIGURA 21- Canais de distribuição de água.
FONTE: Fotografia da autora, 07 / 2005.

A segunda propriedade analisada, apresentada nas figuras 18 e 19, investe em plantação consorciada de café e seringueira⁴⁶, realiza a captação da água de uma vereda localizada em sua propriedade. Parte da água desta vereda foi desviada pelo canal construído com o objetivo de chegar a um poço onde a bomba suga a água para realizar a irrigação, utilizando a técnica de gotejamento nas plantações existentes. Nas imediações, havia um viveiro de mudas de seringueiras (de acordo com informações de um funcionário, seriam de aproximadamente 3.000 mudas).

A produção de café é a atividade principal da terceira propriedade analisada, mostrada na figuras 20 e 21. Sua produção é voltada para atender o mercado externo, possui o selo verde ISO 14.000 e na entrada da fazenda, encontra-se uma placa com os dizeres “seja bem vindo” em três idiomas, português, inglês e espanhol. Extensos canais de cimento revestidos com uma liga de asfalto e calcário para impermeabilização do solo foram construídos para a distribuição da água captada do rio Formoso.

Esta prática pode levar a duas consequências: a) perda da água por meio da infiltração nos próprios canais (neste caso, a camada de asfalto encontra-se bastante desgastada) e; b) localizada em uma região de clima tropical com altas temperaturas, há perda de grande porcentagem da água por evaporação, devido à sua intensa exposição ao sol durante o ano.

⁴⁶ Esse registro foi realizado em 08/2003, não há atualmente registro sobre a continuidade ou não das atividades ilegais dessa empresa em relação à captação da água realizada na vereda fotografada ou sobre o sucesso ou não do plantio consorciado.

5.1.1- Veredas queimadas, veredas cercadas

As veredas⁴⁷ são responsáveis pela alimentação da maioria dos rios do cerrado. As águas que brotam da terra e os frutos que nascem das árvores são responsáveis por alimentarem e matarem a sede dos animais característicos do bioma cerrado, servindo também de pastejamento para muitas espécies, uma vez que sua cobertura vegetal permanece verde durante todo o ano. As copas dos buritizais são o berçário das aves: araras azuis, maritacas, papagaios, periquitos. As águas calmas são o berçário dos peixes, o solo turfoso e o alimento das árvores são o lugar seguro onde as mães encontram abrigo para seus filhotes. Outra função ecológica da vereda é servir de refúgio nos momentos das grandes queimadas.

(...) não poderia deixar de me lembrar da mãe de minhas águas, do mais belo espetáculo cênico do mundo tropical, meu oásis, de maior beleza que o saariano. A ela confiei as mais nobres funções. Eu a dotei de espécies não encontradas em nenhum outro subsistema sob o meu comando, como o buritizeiro, a palmeira providencial do sertão, pois dela tudo se tira, tudo se faz. É a guardadora de água e de alimentos frescos para meus bichos durante as quatro estações do ano, defendendo-os também das ardências do fogo natural ou ateado que, no esconder das chuvas, flameja e crepita na macega seca de meus gerais, mas com muito respeito pelo úmido da vereda. Ela é mau santuário. (CHAGAS, 2003, p.21).

Quando as veredas⁴⁸ têm seu equilíbrio rompido, são rompidas também as características da hidráulica, o que compromete a sua perenidade. Gradativamente, suas águas deixam de correr e o lençol freático, que anteriormente se encontrava próximo à superfície do solo, sofre um rebaixamento devido à sua impermeabilização. Durante anos, os buritizais permanecem como registro de um tempo passado, demarcando o lugar onde anteriormente corria a vereda - muitas

⁴⁷ As veredas se originam a partir da instalação de drenagem em locais preferenciais de acumulação de umidade, em zonas de fraqueza ou fratura das rochas ou de falhamento. No processo de pedogênese há o abatimento da topografia formando vales de fundos chatos e vertentes sub-retilíneas, propiciando o surgimento desse subsistema. (LIMA, 1996, p. 96).

⁴⁸ “Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argilo turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra a água. A vereda é um oásis. Em

vezes sendo engolidos pelos areais que se formam ao seu redor - como se estivessem acusando aqueles que passam as suas dores pela perda do seu espelho.

Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho. (GUIMARÃES ROSA, 2001a, p. 270).



FIGURA 22- Vereda: o fogo passou, o pasto brotou e a água findou!

FONTE: Fotografia da autora, 05 / 2005.



FIGURA 23- Vereda: o machado passou, a erosão depositou, que água ficou?
FONTE: Fotografia da autora, 05 / 2005.



FIGURA 24- Vereda tributária do rio Formoso. De uma vereda a água sempre corre calma e tranqüila pelo cerrado adentro.
FONTE: Fotografia da autora, 05 / 2004.

5.2-As margens do rio: o trabalho e a terra



FIGURA 25- Cabeceiras do rio Formoso, Buritizeiro. Preparo da terra para plantação de soja, agricultura comercial.

FONTE: Fotografia da autora, 08/2005.

A Figura 25 retrata o rio Formoso represado. O barramento foi construído bem próximo às suas cabeceiras, acima da barragem da Figura 12, já referenciada. Em sua margem permanecem resquícios da vegetação nativa, linear e rala. A terra vermelha⁴⁹ foi preparada para aplicação do calcário com a finalidade de correção da acidez, e os adubos necessários para receber as sementes de soja ou as mudas de café. Este solo é artificialmente modificado para o tipo de lavoura que irá sustentar, os produtos químicos utilizados são sugados pelas plantas, pelo solo e descarregados nas águas do rio, que abriga os peixes, que mata a sede dos animais e dos habitantes das margens do rio, que rega as plantações dos agricultores

⁴⁹ Tipos de solos predominantes nesta bacia: à montante apresenta Latossolo Vermelho Escuro Distrófico + Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico, os dois álicos. Em seu médio curso apresenta a predominância de Areias Quartzosas Distróficas álicas. À jusante apresenta solos Litólicos Distróficos álicos.

camponeses, presentes desde seu alto curso, como a comunidade Capão Celado, até próximo a sua foz, no rio São Francisco.



FIGURA 26- Fazenda localizada nas cabeceiras do rio Formoso. Galpão para depósito de produtos e embalagens utilizadas nas lavouras comerciais.
FONTE: Fotografia da autora, 08/2005.



FIGURA 27- Preparo da terra para plantação de soja, agricultura comercial. Para limpar a área, a madeira da mata pré-existente é queimada nos fornos de carvão construídos às margens do rio.
FONTE: Fotografia da autora, 08/2005.



FIGURA 28- Bateria de fornos de carvão às margens de uma vereda, cabeceiras do rio Formoso.

FONTE: Fotografia da autora. 2004.

Na Figura retratada, a degradação do meio foi originada pela carvoaria às margens da vereda. No lugar do cerrado, existem manchas hora de vegetação rasteira, hora de terra nua (onde o solo perdeu sua propriedade de sustentar vidas). Essa vereda teve o equilíbrio rompido. Nela, a água já não corre mais, apenas a presença dos buritizais demarcam o espaço que lhe pertencia.

A produção de carvão para as indústrias siderúrgicas, principalmente as instaladas em Sete Lagoas, Pirapora e Várzea da Palma é outra atividade presente nas cabeceiras do Formoso. O terreno, neste caso, é abandonado após o desmate, quando não há o investimento em reflorestamento. Na maioria das vezes, isto acontece quando a atividade é realizada por empreita, ou seja, a vegetação é vendida - mas não a terra - e a exploração é realizada até que a fitomassa seja totalmente queimada. Terminada a exploração, o empreiteiro procura outras áreas para realizar a mesma atividade.

Quando a prática de carvoejamento é realizada pelas empresas, braços das próprias indústrias siderúrgicas, realiza-se o reflorestamento (geralmente de *pinus*), e há a reutilização do terreno para sustentar a floresta energética.

5.2.1- O trabalho da máquina e o trabalho assalariado

O trabalho no campo, quanto mais avançada é a tecnologia adotada, mais suas características se aproximam com as organizações dos trabalhos urbanos. As construções dos prédios, das fábricas, são realizadas pelos trabalhadores braçais e pelas máquinas simples, que demolem, transportam e fabricam a massa.

As máquinas limpam a terra no campo, removendo dela a vegetação nativa - a retirada por meio do uso do “correntão⁵⁰” é muito utilizada quando a terra desmatada destina-se ao cultivo - ou para a retirada dos restos da última safra.

Grandes extensões dessas chapadas areníticas foram desmatadas de maneira irracional, onde o uso de corrente atrelada a tratores de esteira amputava o sistema radicular das espécies nativas, não levando em consideração nenhum tipo de exigência ambiental, por parte dos órgãos e entidades governamentais. Bordas de chapadas, encostas, área de envoltório das veredas, vertentes arenosas foram destinadas às práticas agrícolas. (MELO,1992, p. 67).

Normalmente o trator não consegue fazer a limpeza total da terra, sendo assim, nesta fase, é necessário o uso do trabalho assalariado. Um grupo de trabalhadores é levado ao local para completarem a limpeza realizada pelo trator. O resultado é uma nuvem de poeira que se levanta da terra desprotegida e submetida à ação dos ventos.

⁵⁰ Esta técnica é realizada por dois tratores, que atrelam entre cada um deles a ponta de uma corrente de ferro grossa. Por onde passa a corrente, arrastada pelos tratores, as árvores são derrubadas. A vantagem desta prática é que ao caírem as árvores, as suas raízes as acompanham, portanto, as chances de rebrota são praticamente nulas.

Também manual é a aplicação de inseticidas e de herbicidas, sendo que as máquinas só são utilizadas quando as plantações permitem, ou seja, quando há espaço entre as fileiras para a sua passagem. As empresas que possuem maior capital utilizam aviões para pulverizarem suas plantações.



FIGURA 29- Limpando a terra: o trabalho da máquina.
FONTE: Fotografia da autora: 08/2005.



FIGURA 30- Limpando a terra: o trabalho humano.
FONTE: Fotografia da autora: 08/2005.

A Figura 31 mostra um grupo de trabalhadores executando a tarefa do dia, que se resumia em afastar as fileiras dos tomateiros para a passagem da máquina que iria realizar a colheita. A colheitadeira possui um sensor que detecta o tomate que está em ponto de colheita.



FIGURA 31- Tarefa do dia: afastamento das fileiras de tomates.
FONTE: Fotografia da autora: 08/2005.



FIGURA 32- Colheita de algodão: hora da máquina!
FONTE: Fotografia da autora: 08/2005.

As máquinas computadorizadas são utilizadas com maior intensidade a cada nova etapa da evolução capitalista no campo. Os trabalhadores braçais são designados a realizarem os trabalhos que as máquinas não realizam. Assim como os serventes, os garis e os faxineiros encontrados no mundo urbano.

5.3- As margens do rio: o trabalho camponês

Pessoal dos *gerias* – gente mais calada em si e sozinha, moradores de grandes distâncias. (GUIMARÃES ROSA, 2000, p. 145)

Os espaços que caracterizam o trabalho camponês são compostos por uma grande heterogeneidade de detalhes: hortas, pomares, terreiros de chão batido, paióis, galinheiros, entre outros. As atividades são organizadas segundo a estação do ano, seguindo uma rotina de tempos propícios: época de capina, de plantio, de cultivo e de colheita.

A Figura 33 retrata uma plantação de milho em área de preservação permanente, próxima a uma vereda. Esta área é utilizada há muitos anos para a agricultura camponesa para o plantio do milho, do feijão, da abóbora, do quiabo, das hortaliças e de outros produtos que fazem parte da alimentação dos campesinos ou dos animais de criação.

Como pode ser observado na fotografia, o solo, apesar do roçado, permanece com a aparência escura, fruto do excesso de matéria orgânica, é o solo turfoso característico de áreas da vereda. Quando a permeabilidade ou a fertilidade do solo enfraquece, a área é abandonada para o pousio, até recuperar sua capacidade produtiva.



FIGURA 33- Plantação de milho em solo turfoso - agricultura camponesa.
FONTE: Fotografia de Suzana Grazielle de Souza , 03 / 2006.



FIGURA 34- Canal de irrigação para policultura: desvio do curso d'água e infiltração no solo desprotegido.
FONTE: Fotografia de Suzana Grazielle de Souza , 03 / 2006.

A Figura 34 registra a utilização de técnicas para irrigação das lavouras na agricultura camponesa. Na tentativa de driblar as características e variações climáticas, como o atraso do período chuvoso e a insolação intensa, o canal

construído leva a água às culturas; este não é impermeabilizado, possibilitando sua infiltração no solo, portanto, a captura da água é maior que o necessário para as plantações, podendo comprometer a capacidade do curso d'água de fornecê-la.



FIGURA 35- Horta: canteiros vazios e canteiros plantados.⁵¹
FONTE: Fotografia de Suzana Graziele de Souza , 03 / 2006.



FIGURA 36- Policultura: plantação de família camponesa.
FONTE: Fotografia de Suzana Graziele de Souza , 03 / 2006.

⁵¹ Os canteiros vazios são preparados para o replantio das hortaliças que fazem parte da mesa dos camponeses. A horta é molhada com a água captada de uma vereda próxima.



FIGURA 37- Moradia de Dona Francisquinha Veloso, Capão Celado.
 FONTE: Fotografia de Suzana Grazielle de Souza, 03 / 2006.

A casa de abode e palha de buriti, onde reside Dona Francisquinha, foi construída pela moradora. As folhas desta palmeira são comumente utilizadas como telhado e apresentam grande resistência ao tempo. Seu interior é fresco e rústico. Ao fundo, presença da mata ciliar e dos buritizais.

5.4- Questão de Sobrevivência

Embora a realidade seja a unidade da essência e aparência, a essência se manifesta em algo diferente do que é. Neste sentido, conhecer a realidade é revelar sua estrutura social. (CIAVATTA e ALVES, 2004, p. 45).

Os cenários apresentados são interpretações das vidas presentes nas cabeceiras do rio Formoso. A chegada do “novo”, representado pelas monoculturas comerciais estabelece um outro modo de vida e trabalho.

Ah, este Norte em remanência: progresso forte, fartura para todos, a alegria nacional! Mas, no em mesmo, o afã de política, eu tive e não tenho mais... A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele adentro... (GUIMARÃES ROSA, 2001a, p. 243).



FIGURA 38- Fazenda localizada nas cabeceiras do rio Formoso. Bando de pássaros “curucacos”, se alimentando dos restos das sementes deixadas pela lavoura de soja recém-colhida.

FONTE: Fotografia da autora, 08/2005.



FIGURA 39- O que procura, para onde vai? Raposa avistada nas cabeceiras do rio Formoso, nos restos de uma plantação de soja.

FONTE: Fotografia da autora, 07/2004.

As imagens textualizam, denunciam e respondem: os animais, os camponeses, as águas, todos estão represados pela implantação de uma economia de mercado. Os frutos do progresso e do desenvolvimento no campo são repartidos de forma desigual: regalias para poucos, trabalho desgastante - com salários miseráveis - morte e desabrigo para muitos.

Nas imagens fotográficas apresentadas neste capítulo, “faltou gente”, não porque não as quisesse fotografar, mas porque não foram encontradas! Dentro de um espaço onde predominam as relações capitalistas, o vazio humano está cada vez mais presente.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema inicial desta pesquisa tinha como objetivo principal o estudo dos impactos gerados pelos tipos de produções agrícolas - camponesa e comercial - existentes nas cabeceiras do rio Formoso, em Buritizeiro. Principalmente os impactos relacionados com a utilização das águas pelas mesmas. A pesquisa recebeu novos elementos e a categoria camponesa foi se destacando no decorrer de sua realização, devido a minha crescente afinidade com o tema mundo rural tradicional, tantas vezes percebido e descoberto.

A análise sobre os impactos gerados pelas agriculturas e o uso das águas permanece no trabalho, mas o enfoque principal mudou, as minhas perguntas mudaram: a partir do uso intensivo dos recursos naturais e da pressão sofrida pela comunidade Capão Celado, há possibilidade de sua permanência junto às atividades desenvolvidas pela agricultura comercial? E o cerrado, e os seres que habitam o cerrado, onde estão? As perguntas que faço me instigam procurar as respostas. Muitas delas não encontrei, pois pertencem a um mundo complexo de relações que envolvem pessoas, interesses privados e poder público, trama na qual prevalecem as relações desiguais.

Ao encerrar esta pesquisa, visito os capítulos anteriores para fazer as minhas considerações finais.

Apresentando o município de Buritizeiro, o **capítulo um** aponta o tema da pesquisa e os objetivos a que me dispus alcançar. Os objetivos foram trabalhados nos próximos capítulos que serão expostos a seguir, portanto, ao descrevê-los, analiso os resultados desta pesquisa.

As conseqüências socioeconômicas da expansão capitalista no campo em Buritizeiro, a partir da década de 1970, foram analisadas no **capítulo dois**, onde registro a metodologia utilizada para a execução da pesquisa, juntamente com a revisão bibliográfica. Este capítulo mostrou-se o mais trabalhado, pois, todas as vezes que eu redirecionei minhas abordagens, outros caminhos tiveram que ser percorridos e novas leituras se fizeram necessárias para uma maior compreensão sobre o mundo rural e as comunidades tradicionais. Outras abordagens sobre a percepção das relações nos lugares e nos espaços estudados me levaram a novas visitas a comunidade Capão Celado e às áreas destinadas à agricultura comercial.

As conseqüências socioeconômicas da expansão capitalista no campo em Buritizeiro, a partir da década de 1970, foram analisadas em todo o trabalho, mas é no **terceiro capítulo** que mais foi enfatizado. O esboço foi realizado por meio do estudo do processo histórico de desenvolvimento do município, via introdução do capitalismo no campo.

O aumento significativo nos indicadores técnicos de modernização agrícola, a ampliação e a diversificação da produção e a alteração no padrão técnico do setor rural podem ser apontados como fatores de desenvolvimento econômico no município. Porém, o abrigo das oligarquias rurais ligadas à grande propriedade territorial e ao capital comercial e o apoio estatal ao latifúndio, via oferta da estrutura física - a terra - e financeira, não possibilitaram o rompimento da estrutura concentradora, ao contrário: reafirmaram, consolidaram e expandiram essas desigualdades.

As mesmas políticas públicas que financiaram a modernização agrícola deixaram de lado o pequeno produtor que, desamparado, viu-se forçado a deixar o

campo e a aumentar o quadro de marginalização social que o município apresenta. Ou seja, a introdução da economia de mercado no campo não atingiu a população local de forma a conduzir a uma melhora da qualidade de vida da população, ao contrário, reafirmou as desigualdades já existentes, consolidando sua permanência.

Nesta fase do trabalho, houve uma lacuna. Ao discutir as lavouras comerciais, não consegui encontrar dados sobre a quantidade de safras que são colhidas e que saem do município. A rotatividade de titulares na Secretaria de Agricultura e Agronegócios do município aponta para um fato curioso: tudo que foi realizado pelo antecessor é relegado. Os dados coletados pela administração anterior são perdidos e/ou esquecidos e se começa tudo novamente: cadastro das empresas, tipos de safras, quantidade da produção, tentativas frustradas de terminar com a evasão fiscal, novas propostas, novas formas de lidar com o poder privado.

Assim, nas várias vezes que visitei a secretaria, mesmo percebendo a boa vontade em me atenderem e tentarem fornecer as informações de que eu precisava, eles não as tinham, a tabulação não estava ainda organizada, o trabalho estava sempre no começo. Um começo que parece não ter fim, mostrando-se uma realidade prejudicial para com o município e seus habitantes, pois as fronteiras estão abertas para a entrada de novas empresas agroindustriais e para a saída de divisas.

O modo de vida e trabalho do camponês se tornou um dos temas centrais desta pesquisa, como pode ser observado no **capítulo quatro**. A comunidade Capão Celado é formada por um grupo de moradores ligados por parentesco, são os Veloso. O “Seo” Messias e a Dona Zelu - casal com quem mais tive contato - contam sobre os tempos passados, relatos vivos da história de expropriação e degradação

ambiental e social que ocorreram, como a expulsão de “mais de oitenta famílias⁵²” camponesas pelas empresas reflorestadoras e pela polícia. Assim como as árvores que são arrancadas com seus sistemas radiculares pelos correntões, as famílias camponesas foram expulsas da terra sem chances de retorno para abrigar novas formas de produção.

O confronto entre os dois modos de produção, o camponês e o comercial, se dá de forma a fortalecer permanentemente o capital. Ao contrário do agricultor camponês, que produz um excedente para o abastecimento do mercado interno vendido nas feiras da cidade, como o feijão, a mandioca, as hortaliças e o milho, a produção das empresas é totalmente voltada para o mercado além-Buritizeiro: produção da soja e do café (para exportação) e produção do algodão (que é vendido às indústrias têxteis para fabricarem tecidos, a maior parte destinada a abastecer o mercado externo).

Estas empresas exercem pressão geográfica junto aos agricultores camponeses que se encontram totalmente rodeados pelas lavouras comerciais e pelos eucaliptais. Os impactos no meio (como a erosão do solo, o desmatamento das árvores frutíferas, as veredas degradadas, a menor vazão do rio), além da poluição das águas e dos solos devido ao uso dos agrotóxicos são fatores que acarretam a degradação da vida das populações camponesas.

Atualmente, em Capão Celado, os membros mais velhos das famílias permanecem no campo, os filhos homens também ficam na terra para ajudar o pai no roçado e as filhas vão para a cidade à procura de estudo e trabalho. E assim, de forma lenta, porém, contínua, cada dia menos pessoas vivem na comunidade.

⁵² Segundo relato de Dona Zelu e de “Seo” Messias.

Compartilho com Brandão (1995), quando afirma que o camponês tradicional vive - mesmo quando não confesse - uma difícil divisão visível demais para não ser sentida e partilhada. O que foram os seus ancestrais e ele é, acaba nele; acaba-se com ele.

O **capítulo cinco** foi realizado por meio da análise das imagens fotográficas. As cenas retratadas mostram as “belas” lavouras homogêneas das empresas agrícolas. Ultrapassando a interpretação visual, as leituras das imagens relatam o que há por detrás do desenvolvimento econômico imposto. A degradação da água, do meio e dos seres que habitaram e habitam as cabeceiras do rio Formoso, são suscitadas pelas atividades capitalistas relatadas - desmatamento e reflorestamento, num primeiro momento e agricultura em grande escala, num segundo momento - e evidenciam o desequilíbrio socioambiental. Alguns apontamentos serão feitos em relação aos impactos dessas duas atividades:

1. Conseqüências das práticas de desmatamento e reflorestamento pelas empresas reflorestadoras nas cabeceiras do rio Formoso:
 - desabrigo da fauna, que ficou represada nos grotões impróprios para esta atividade;
 - assoreamento das veredas e do rio pelo acelerado processo de erosão devido ao tipo de solo e à ação do vento e das chuvas na terra desprotegida;
 - formação de voçorocas no médio curso e a perda do solo;
 - utilização da mão-de-obra assalariada;
 - expulsão das populações humanas que lá viviam;
 - retorno parcial desta população como trabalhadores assalariados.

2. Conseqüências das agriculturas comerciais instaladas nas cabeceiras do rio Formoso:

- desabrigo da fauna;
- assoreamento das veredas e do rio pelo acelerado processo de erosão devido ao tipo de solo e à ação do vento e das chuvas na terra desprotegida;
- uso de agrotóxicos no solo e conseqüente escoamento para as águas;
- utilização das águas das veredas para irrigação;
- diminuição da vazão das águas dos corpos d'água devido ao uso para irrigação;
- pressão geográfica sobre os habitantes da comunidade Capão Celado, cercada pelas atividades capitalistas;
- utilização da mão-de-obra assalariada temporária.

O trabalho assalariado, a terra e os “donos da terra⁵³”, os personagens, as cenas e os cenários da área de estudo foram modificados pelas práticas introduzidas a partir da década de 1970.

As veredas e suas águas, que representam e abrigam a vida no e do cerrado, muitas delas são apenas manchas que mostram de forma pujante o seu esgotamento devido à ação humana. Os bóias-frias e a luta diária pela sobrevivência, executando um trabalho exaustivo e, muitas vezes, insalubre na “lida da roça”. Porém, esta roça homogênea e monótona não é dele, é da empresa, é do empresário que não mora lá. São modos de produção que geram o lucro e provocam a exclusão.

⁵³ Utilizo o termo donos da terra entre parênteses, por dois motivos: i) este é um tema abordado brilhantemente por Martins (1980), e; ii) Na maioria da área a terra não foi comprada, trata-se de terras devolutas que foram repassadas à iniciativa privada para a sua exploração. O dono, portanto, permanece sendo o Estado, que, paradoxalmente, permite o desrespeito às leis ambientais criadas pelo mesmo, em nome da produtividade e da lucratividade, autorizando e incentivando estas ações, acarretando a expropriação dos camponeses, o êxodo rural e a degradação ambiental.

Como já foi relatado, acredito que seja pequena a possibilidade de permanência da comunidade Capão Celado, tal como se apresenta atualmente, reproduzindo suas tradições de organização do trabalho e o conhecimento adquirido ao longo de gerações.

Mas há uma outra possibilidade em que acredito. “Pois lá está o ‘de onde eu vim’, o ‘de onde eu sou’, ‘os meus’ (...) ‘a terra para onde vieram e onde morreram os meus’”. (BRANDÃO, 1998, p. 89). Esta é a origem de toda a resistência dos habitantes de Capão Celado: sua vontade de ficar!

Devido ao sentimento de “pertencimento ao lugar”, a força de vontade e o poder de ação dessa gente que conseguiu permanecer a impele em busca de caminhos que podem ser percorridos, a fim de que permaneça “enraizada” na terra, preservando sua cultura e suas práticas cotidianas e incorporando outras, devido à adaptação e à convivência com a modernidade tecnológica.

Há também um outro motivo: o produto do trabalho camponês não tem o mesmo objetivo que o produto comercial. Não há competição de mercado entre eles, apenas das terras e das águas. Esta competição gera a degradação do camponês devido à coação exercida pelo capital. Porém, ela pode ser amenizada, a partir do interesse e da pressão da população local e do poder público que pode criar estratégias de incentivos relacionadas a iniciativas dessas empresas voltadas para o fortalecimento da produção camponesa, e também por meio da criação de cooperativas entre a comunidade Capão Celado e os vários distritos rurais que pertencem ao município.

Em síntese, permanecendo as atividades como estão a degradação socioambiental será irreversível. De outra forma, por meio de ações que priorizem pessoas, as relações sociedade/natureza podem se dar de forma mais harmônica e menos dolorosa tanto aos seres habitantes das cabeceiras do Formoso quanto ao próprio sistema de cerrados em que o rio está inserido. Porém, algumas evidências ficam claras neste trabalho: o processo de desenvolvimento econômico do campo nas cabeceiras do rio Formoso gerou a marginalização e a expropriação dos camponeses, a utilização da natureza de forma predatória, a consolidação das desigualdades sociais e o aumento da concentração fundiária.

7- BIBLIOGRAFIA

AB`SABER, Aziz N. O domínio dos cerrados: introdução ao conhecimento. in **Revista do Serviço Público**. Brasília: FUNCEP, 1981.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Abrindo o Pacote Tecnológico: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil**. São Paulo: Polis (Brasília): CNPq, 1986.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. O que há de novo no rural brasileiro? In. **Terra Livre**. São Paulo. Nº15.p.87-112, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Fome não se acaba com Agricultura “Forte”**. Revista Espaço Acadêmico - Mensal. nº 28. 2003.

ARRUDA, Marcos. **Humanizar o Infra-Humano**. Petrópoles: Vozes, 2003.

BAGGIO, Hernando. **Alterações na Paisagem Natural e Agrícola do Município de Buritizeiro-MG: Implicações do plantio Generalizado de Eucaliptos e Pinus no Meio Ambiente Físico, Biológico e Socioeconômico**. 2002. 149 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais.

BAGGIO, Hernando. O município de Buritizeiro e a Questão do pinus e Eucalipto: implicações de seu plantio homogêneo generalizado no meio ambiente físico, biológico e socioeconômico. In. RODRIGUES, Luciene; MAIA, Cláudia (org.). **Cerrado em Perspectiva(s)**. Montes Claros: Unimontes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Partilha da Vida**. São Paulo: Cabral, 1995.

_____ **Diário de campo - A Antropologia como Alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____ **Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Cone Sul, 1998.

_____. **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 11ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

CÁPPIO, Luiz Flávio; MARTINS, Adriano; KIRCHNER, Renato (orgs). **Rio São Francisco uma caminhada entre vida e morte**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARVALHO, João carvalho M. de. **Camponeses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO, L. M. B. **As Lutas pela terra no noroeste de Minas Gerais - um sumário e uma interpretação**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Papirus, 1998.

CHAGAS, Ivo das. **Projeto de Criação da Escola de Ecologia do Cerrado**. Pirapora, MG: Prefeitura de Pirapora, Secretaria do Meio Ambiente, 1987.

_____, Eu sou o Cerrado. In. RODRIGUES, Luciene; MAIA, Cláudia (org.). **Cerrado em Perspectiva(s)**. Montes Claros: Unimontes, 2003.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

COUTINHO, Leopoldo M. Cerrado. Disponível em <<http://www.eco.ib.usp.br/cerrado>>. Acessado em 02/11/2003.

DALY, H. Herman. Beyond Growth: **The Economics of Sustainable Development**. Boston: Beacon Press, 1996.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira**. Trad. Cid Knipel Moreira. 5ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

DE PAULA, Andréa M.N. Rocha; CLEPS JUNIOR, João. **Migrações Internas no Sertão das Gerais: A Esperança de Melhoria de Vida**. Revista Unimontes Científica, Montes Claros, nº4, p93-105, 2003. ISSN:1519-2571.

DÍAS, Alberto Pardo. **Educação Ambiental como Projeto**. 2ª ed. São Paulo: artmed, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Espaços Agrários de Inclusão e Exclusão Social: novas configurações do campo brasileiro. **Currículo sem Fronteiras**. V. 3, n.1, p.11-27, Jan/Jun 2003.

_____, **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRO, Fernando; AROUCHA, Maurício. A Colonização do Nordeste nos idos da Globalização: golpe de facção na solidariedade regional. In VIANA, Gilney; SILVA, Marina; DINIZ, Nilo (org.). **O Desafio da Sustentabilidade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. Et al. **Manual para Normalização de publicações Técnico-Científicas**. 5ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FRANÇA, Múcio. **O cerrado e a evolução recente da agricultura capitalista: a experiência de Minas Gerais**. Belo Horizonte-MG UFMG/CEDEPLAR tese de mestrado, 1984.

Fundação João Pinheiro. Disponível em <<http://www.fjp.gov.br>>. Acessado em 12/09/2002.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 33ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

GAMA, M. Graças C. Cunha; DE PAULA, Andréa M. N. Rocha; LIMA, Samuel do Carmo. **Implantação da Agricultura Comercial no Município de**

Buritzeiro, Minas Gerais: o uso capitalista dos recursos naturais. Caminhos da Geografia. Uberlândia, 1-11, set/2003.

GEOMINAS. Disponível em <<http://www.Geominas.mg.gov.br>>. Acessado em 15/10/2002.

GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia.** Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Forense, 1969.

GOEDERT, W.J. LOBATO, E. **O Solo como Base dos Sistemas de Produção** In: XXI Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Campinas, pg. 101/108, 1988. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/ceapla/biblioteca/solo2.html>>. Acessado em 02/05/2005.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia da Riqueza, Fome e Meio Ambiente. In. OLIVEIRA, Ariovaldo. MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O Campo no Século XXI: Território de vida, de luta e de construção da justiça social.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GUERRA, Antônio José. Silva, Antônio Soares. Botelho, Rosângela Garrido (Orgs.). **Erosão e Conservação dos Solos: Conceitos, Temas e Aplicações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GUERRA, Antônio José; CUNHA, Sandra Baptista (Orgs.). **Geomorfologia e Meio Ambiente.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GUIMARÃES ROSA, João. **Correspondências com o Tradutor Italiano.** ed. limitada. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, 1981.

_____ **Grande Sertão: Veredas.** 33ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____ **No Urubuquaquá, no Pinhem (Corpo de Baile).** 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1998.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Trad: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 9ª ed. São Paulo: Loyola. 2000.

HENRIQUES, Alan. **Thomas Malthus e a Explosão Demográfica**. Disponível em <<http://www.alanhenriques1.hpg.ig.com.br/economia.html>> Acessado em 10/05/05.

IBGE. *Censo 2000*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acessado em 18/10/02.

KAGEYAMA, Ângela. O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In **Agricultura e Políticas Públicas**. Brasília: IPEA, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEPSCH, Igo F. **Formação e Conservação dos Solos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

LIMA, Samuel do Carmo. **As Veredas do Ribeirão Panga no Triângulo Mineiro e a Evolução da Paisagem**. 1996. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia Física)- Universidade de São Paulo.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Terra Prometida: Uma História da Questão Agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARQUES, M.I.M. **A Atualidade do uso do Conceito de Camponês**. Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa> AGB, 2002. CD-ROM.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **O Cativo da Terra**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARX, Karl. O Capital. In: **Metamorfose do Sobre-Lucro em Renda Fundiária**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. V3, Tomo 2. (Coleção Os Economistas).

MELLO, Maria Conceição D’Incao. **O “Bóia-Fria”**: acumulação e miséria. 5ª ed. Petrópolis: vozes, 1977.

MELO, Dirce Ribeiro. **As Veredas nos Planaltos do Noroeste Mineiro: Caracterizações Pedológicas e os Aspectos Morfológicos e Evolutivos**. 1992. 217f. Tese (Mestrado em Geografia Física) – Universidade Estadual Paulista.

MORIN, Edgar. **Os Sete saberes Necessários à Educação do Futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Sociedade contra a Natureza**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

NASCIMENTO, Avelita Coelho. **Uma análise do Desenvolvimento Sócio-Econômico de Buritizeiro de 1970 à 2002** e suas perspectivas futuras. Monografia, 2004.

NASCIMENTO, Joselyce Rodrigues. **Análise Socioeconômica da Monocultura de Soja no Município de Buritizeiro-MG. 2006**. 64f. Monografia (Licenciatura em Geografia)-Universidade Estadual de Montes Claros.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (orgs.). **Novos Caminhos da Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1999, p. 63-110.

_____. **A Geografia das Lutas de Campo**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo. MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs.). **O Campo no Século XXI: Território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida. **Ciclos de Águas e Vidas: As vozes do rio nas percepções ambientais dos atores sociais das beiras do São Francisco em**

Pirapora e Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. 2006. 54 f. Monografia (Pós-Graduação) Universidade Estadual de Montes Claros.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PRIMAVESI, Ana. **Manejo Ecológico do Solo:** a agricultura em regiões tropicais. 1ª ed. São Paulo: Nobel, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, Luciene. Capitalismo monopolista, Estado e agricultura. In: OLIVEIRA, marcos Fábio de; RODRIGUES, Luciene (org.). **Capitalismo da gênese à crise atual.** Montes Claros: Unimontes, 1999. p.51-92.

RODRIGUES, Luciene; MAIA, Cláudia (org.). **Cerrado em Perspectiva(s).** Montes Claros: Unimontes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da razão Indolente: contra o desperdício da experiência.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **Um Discurso sobre as Ciências.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Maria Aparecida Daniel. **Brasil: 500 anos de Latifúndio e de Demanda pela Terra.** In Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás. V.27, nº 2. Goiânia: UCG, 2000.

SOUSA, Regina Sueli. **Terra, o calcanhar de Aquiles do Brasil?** In Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás. V.26, nº 4. Goiânia: UCG, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade – uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SUERTEGARAY, Dirce M. Antunes. Desertificação: Recuperação e Desenvolvimento Sustentável In: GUERRA, Antônio José. CUNHA, Sandra Baptista (Orgs.). **Geomorfologia e Meio Ambiente.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEIXEIRA, Wilson; TOLEDO, M. Cristina Motta de; FAIRCHILD, Thomas Rich. (Org.) **Decifrando a Terra**. 2ª ed. São Paulo: Oficina de Textos. 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.